

**MINISTÉRIO DA CULTURA**  
**Fundação Biblioteca Nacional**  
*Departamento Nacional do Livro*

**AMERICANAS**  
*Machado de Assis*

...filha melhor do Eterno, América!  
G. Dias, *Timb.*, c. III.

## ***POTIRA***

\*\*\*

...Os Tamoios, entre outras presas que fizeram, levaram esta índia, a qual pretendeu o capitão da empresa violar: resistiu valorosamente dizendo em língua brasílica: “Eu sou cristã e casada; não hei de fazer traição a Deus e a meu marido; bem podes matar-me e fazer de mim o que quiserdes.” Deu-se por afrontado o bárbaro, e em vingança lhe acabou a vida com grande crueldade.

*Vasc. Chr. da Companhia de Jesus*, liv 3º

## POTIRA<sup>i</sup>

Se, poi ch'a morte il corpo le percosse,  
 Desse almen vita alla memoria d'ella.  
 ARIOSTO, *Orl. Fur.*, c. XXIX, est. XXXI

### I

Moça cristã das solidões antigas,  
 Em que áurea folha reviveu teu nome?  
 Nem o eco das matas seculares,  
 Nem a voz das sonoras cachoeiras,  
 O transmitiu aos séculos futuros.  
 Assim da tarde estiva às auras frouxas  
 Tênuo fumo do colmo no ar se perde;  
 Nem de outra sorte em moribundos lábios  
 A humana voz expira. O horror e o sangue  
 Da miseranda cena em que, de envolta  
 Co'os longos, magoadíssimos suspiros,  
 Cristã Lucrecia, abriu tua alma o vôo  
 Para subir às regiões celestes,  
 Mal deixada memória aos homens lembra.  
 Isso apenas; não mais; teu nome obscuro,  
 Nem tua campa o brasileiro os sabe.

### II

Já da fêrvida luta os ais e os gritos  
 Extintos eram. Nos baixéis ligeiros  
 Os tamoiros incólumes embarcam;  
 Ferem co'os remos as serenas ondas  
 Até surgirem na remota aldeia.  
 Atrás ficava, lutuosa e triste,  
 A nascente cidade brasileira<sup>ii</sup>  
 Do inopinado assalto espavorida,  
 Ao céu mandando em coro inúteis vozes.  
 Vinha já perto rareando a noite,  
 Alva aurora, que à vida acorda as selvas,  
 Quando a aldeia surgiu aos olhos torvos  
 Da expedição noturna. À praia saltam  
 Os vencedores em tropel; transportam  
 Às cabanas despojos e vencidos,  
 E, da vigília fatigados, buscam  
 Na curva leve rede amigo sono,  
 Exceto o chefe. Oh! esse não dormira  
 Longas noites, se a troco da vitória  
 Precisas fossem. Traz consigo o prêmio,  
 O desejado prêmio. Desmaiada  
 Conduz nos braços trêmulos a moça  
 Que renegou Tupã,<sup>iii</sup> e as velhas crenças  
 Lavou nas águas do batismo santo.  
 Na rede ornada de amarelas penas  
 Brandamente a depõe. Leve tecido  
 Da cativa gentil as formas cobre;  
 Veste-as de mais a sombra do crepúsculo,  
 Sombra que a tibia luz da alva nascente  
 De todo não rompeu. Inquieto sangue

Nas veias ferve do índio. Os olhos luzem  
 De concentrada raiva triunfante.  
 Amor talvez lhes lança um leve toque  
 De ternura, ou já sôfrego desejo;  
 Amor, como ele, aspérrimo e selvagem,  
 Que outro não sente o herói.

### III

Herói lhe chamam  
 Quantos o hão visto no fervor da guerra  
 Medo e morte espalhar entre os contrários  
 E avantajar-se nos certos golpes  
 Aos mais fortes da tribo. O arco e a flecha  
 Desde a infância os meneia ousado e afoito;  
 Cedo aprendeu nas solitárias brenhas  
 A pleitear às feras o caminho.  
 A força opõe à força, a astúcia à astúcia.  
 Qual se da onça e da serpente houvera  
 Colhido as armas. Traz ao colo os dentes  
 Dos contrários vencidos. Nem dos anos  
 O número supera o das vitórias;  
 Tem no espaçoso rosto a flor da vida,  
 A juventude, e goza entre os mais belos  
 De real primazia. A cinta e a fronte  
 Azuis, vermelhas plumas alardeiam,  
 Ingênuas galas do gentio inculto.

### IV

Da cativa gentil cerrados olhos  
 Não se entreabrem à luz. Morta parece.  
 Uma só contração lhe não perturba  
 A paz serena do mimoso rosto.  
 Junto dela, cruzados sobre o peito  
 Os braços, Anagê contempla e espera;  
 Sôfrego espera, enquanto idéias negras  
 Estão a revoar-lhe em torno e a encher-lhe  
 A mente de projetos tenebrosos.  
 Tal no cimo do velho Corcovado  
 Próxima tempestade engloba as nuvens.  
 Súbito ao seio túrgido e macio  
 Ansiosas mãos estende; inda palpita  
 O coração, com desusada força,  
 Como se a vida toda ali buscasse  
 Refúgio certo e último. Impetuoso  
 O vestido cristão lhe despedaça,  
 E à luz já viva da manhã recente  
 Contempla as nuas formas. Era acaso  
 A síncope chegada ao termo próprio,  
 Ou, no pejo ofendida, às mãos entranhas  
 A desmaiada moça despertara.  
 Potira acorda, os olhos lança em torno,  
 Fita, vê, compreende, e inquieta busca  
 Fugir do vencedor às mãos e ao crime...  
 Mísera! opõe-se-lhe o irritado gesto  
 Do aspérrimo guerreiro; um ai lhe sobe

Angustioso e triste aos lábios trêmulos,  
 Sobe, murmura e sufocado expira.  
 Na rede envolve o corpo, e, desviando  
 Do terrível tamoio os lindos olhos,  
 Entrecortada prece aos céus envia,  
 E as faces banha de serenas lágrimas.

## V

Longo tempo correrá. Amplo silêncio  
 Reinou entre ambos. Do tamoio a fronte  
 Pouco a pouco despira o torvo aspecto.  
 Ao trabalhado espírito, revoltado  
 De mil sinistros pensamentos, volve  
 Benigna calma. Tal de um rio engrossa  
 O volume extensíssimo das águas  
 Que vão enchendo de pavor os ecos,  
 Vencendo no arruído o vento e o raio,  
 E pouco a pouco atenuando as vozes,  
 Adelgaçando as ondas, tornam mansas  
 Ao primitivo leito. Ei-lo se inclina,  
 Para tomar nos braços a formosa  
 Por cujo amor incendiara a aldeia  
 daquelas gentes pálidas de Europa.  
 Sente-lhe a moça as mãos, e erguendo o rosto,  
 O rosto inda de lágrimas molhado,  
 Do coração estas palavras solta:  
 “— Lá entre os meus, suave e amiga morte,  
 Ah! porque me não deste? Houvera ao menos  
 Quem escutasse de meus lábios frios  
 A prece derradeira; e a santa bênção  
 Levaria minha alma aos pés do Eterno...  
 Não, não te peço a vida; é tua, extingue-a;  
 Um só alívio imploro. Não receies  
 Embeber no meu sangue a ervada seta;  
 Mata-me, sim; mas leva-me onde eu possa  
 Ter em sagrado leito o último sono!”  
 Disse, e fitando no índio ávidos olhos,  
 Esperou. Anagê sacode a fronte,  
 Como se lhe pesara idéia triste;  
 Crava os olhos no chão; lentas lhe saem  
 Estas vozes do peito.

“Oh! nunca os padres  
 Pisado houvessem estas plagas virgens!  
 Nunca de um deus estranho as leis ignotas  
 Viessem perturbar as tribos, como  
 Perturba o vento as águas! Rosto a rosto  
 Os guerreiros pelejam; matam, morrem.  
 Ante o fulgor das armas inimigas  
 Não descora o tamoio. Assaz lhe pulsa  
 Valor nativo e raro em peito livre.  
 Armas, deu-lhas Tupã novas e eternas  
 Nestas matas vastíssimas. De sangue  
 Estranhos rios hão de, ao mar correndo,  
 Tristes novas levar à pátria deles,  
 Primeiro que o tamoio a frente incline  
 Aos inimigos peitos. Outra força,

Outra e maior nos move a guerra crua;  
São eles, são os padres. Esses mostram  
Cheia de riso a boca e o mel nas vozes,  
Serenos o rosto e as brancas mãos inermes;  
Ordens não trazem de cacique estranho,  
Tudo nos levam, tudo. Uma por uma  
As filhas de Tupã correm atrás deles,  
Com elas os guerreiros, e com todos  
A nossa antiga fé. Vem perto o dia  
Em que, na imensidão destes desertos,  
Há de ao frio luar das longas noites  
O pajé suspirar sozinho e triste  
Sem povo nem Tupã!”

## VI

## Silenciosas

Lágrimas lhe espremeu dos olhos negros  
 Esta lembrança de futuros males.  
 “— Escuta!” diz Potira. O índio estende  
 imperioso as mãos e assim prossegue:  
 “— Também com eles foste, e foi contigo  
 Da minha vida a flor! Teu pai mandara,  
 E com ele mandou Tupã que eu fosse  
 Teu esposo; vedou-mo a voz dos padres,  
 Que me perdeu, levando-te consigo.  
 Não morri; vivi só para esta afronta;  
 Vivi para esta insólita tristeza  
 De maldizer teu nome e as graças tuas,  
 Chorar-te a vida e desejar-te a morte.  
 Ai! nos rudes combates em que a tribo  
 Rega de sangue o chão da virgem terra  
 Ou tinge a flor do mar, nunca a meu lado  
 Teu nobre vulto esteve. A aldeia toda,  
 Mais que o teu coração, ficou deserta.  
 Duas vezes, mimosas rebentaram  
 Do lacrimoso cajueiro as flores,  
 Desde o dia funesto em que deixaste  
 A cabana paterna. O extremo lume  
 Expirou de teu pai nos olhos tristes;  
 Piedosa chama consumiu seus restos  
 E a aldeia toda o lastimou com prantos.  
 Não de todo se foi da nossa vida;  
 Parte ficou para sentir teus males.  
 Antes que o último sol à melindrosa  
 Flor do maracujá cerrasse as folhas  
 Um sonho tive. Merencório vulto,  
 Triste como uma fronte de vencido,  
 Cor da lua os cabelos venerandos,  
 O vulto de teu pai”: *‘Guerreiro’* (disse),  
*‘corre à vizinha habitação dos brancos,*  
*Vai, arranca Potira à lei funesta*  
*Dos pálidos pajés; Tupã to ordena;*  
*Nos braços traze a fugitiva corça;*  
*Vincula o teu destino ao dela; é tua\*.’*  
 “— Impossível! Que vale um vago sonho?  
 Sou esposa e cristã. Ímpio, respeita  
 O amor que Deus protege e santifica:  
 Mata-me; a minha vida te pertence:  
 Ou, se te pesa derramar o sangue  
 Daquela a quem amaste, e por quem foste  
 Lançar entre os cristãos a dor e o susto,  
 Faze-me escrava; servirei contente  
 Enquanto a vida alumiar meus olhos.  
 Toma, entrego-te o sangue e a liberdade;  
 Ordena ou fere. Tua esposa, nunca!”  
 Calou-se, e reclinada sobre a rede,  
 Potira murmurava ignota prece,  
 Olhos fitos no próximo arvoredado,

---

\* Pomos os versos em itálico para facilitar a leitura, embora o autor assim não os tenha colocado.

Olhos não ermos de profunda mágoa.

## VII

Ó Cristo, em que alma penetrou teu nome  
 Que lhe não desse o bálsamo da vida?  
 Pelo vento dos séculos levado,  
 Vidente e cego, o máximo dos seres,  
 Que fora do homem nesta escassa terra,  
 Se ao mistério da vida lhe não desses,  
 Ó Cristo, a eterna chave da esperança?  
 Filosofia estóica, árdua virtude,  
 Criação de homem, tudo passa e expira.  
 Tu só, filha de Deus, palavra amiga,  
 Tu, suavíssima voz da eternidade,  
 Tu perduras, tu vales, tu confortas.  
 Nesta sonho iriado de outros sonhos,  
 Vários como as feições da natureza,  
 Neste confusa agitação da vida,  
 Que alma transpõe a derradeira idade  
 Farta de algumas passageiras glórias?  
 Torvo é o ar do sepulcro; ali não viçam  
 Essas cansadas rosas da existência  
 Que às vezes tantas lágrimas nos custam,  
 E tantas mais antes do ocaso expiram.  
 Flor do Evangelho, nuncia de alvos dias,  
 Esperança cristã, não te há murchado  
 O vento árido e seco; és tu viçosa  
 Quando as da terra lânguidas inclinam  
 O seio, e a vida lentamente exalam.  
 Esta a consolação última e doce  
 Da esposa indiana foi. Cativa ou morta,  
 Antevia a celeste recompensa  
 Que aos humildes reserva a mão do Eterno.  
 Naquele rude coração das brenhas  
 A semente evangélica brotara.

## VIII

Das duas condições deu-lhe o guerreiro  
 A pior — fê-la escrava; e ei-la aparece  
 Da sua aldeia aos olhos espantados  
 Qual fora em dias de melhor ventura.  
 Despida vem das roupas que lhe há posto  
 Sobre as polidas formas uso estranho,  
 Não sabido jamais daqueles povos  
 Que a natureza ingênua doutrinara.  
 Vence na gentileza às mais da tribo,  
 E tem de sobra um sentimento novo,  
 Pudor de esposa e de cristã — realce  
 Que ao índio acende a natural volúpia.  
 Simulada alegria lhe descerra  
 Os lábios; riso à flor, escasso e dúbio,  
 Que mal lhe encobre as vergonhosas mágoas.  
 À voz de seu senhor acorre humilde;  
 Não a assusta o labor; nem dos perigos  
 Conhece os medos. Nas ruidosas festas,

Quando ferve o cauim,<sup>iv</sup> e o ar atroa  
 Pocema de alegria ou de combate,  
 Como que se lhe fecha a flor do rosto.  
 Já lhe descai então no seio opresso  
 A graciosa frente; os olhos fecha,  
 E ao céu voltando o pensamento puro,  
 Menos por si, que pelos outros, pede.  
 Nem só o ardor da fé lhe abrasa o peito;  
 Lacera-lho também agra saudade;  
 Chora a separação do amado esposo,  
 Que, ou cedo a esquece, ou solitário geme.  
 Se, alguma vez, fugindo a estranhos olhos,  
 Não já cruéis, mas cobiçosos dela,  
 Entra desatinada o bosque antigo,  
 Co' o doce nome acorda ao longe os ecos,  
 E a dor expande em lôbregos soluços,  
 Farta de amor e pródiga de vida,  
 Ouve-as a selva, e não lhe entende as mágoas.  
 Outras vezes pisando a ruiva areia  
 Das praias, ou galgando a penedia  
 Cujos pés orla o mar de nívea espuma,  
 As ondas murmurantes interroga:  
 Conta ao vento da noite as dores suas;  
 Mas... fiéis ao destino e à lei que as rege,  
 As preguiçosas ondas vão caminho,  
 Crespas do vento que sussurra e passa.

## IX

Quando, ao sol da manhã, partem às vezes,  
 Com seus arcos, os destros caçadores,  
 E alguns da rija estaca desatando  
 Os nós de embira às rápidas igaras,  
 À pesca vão pelas ribeiras próximas,  
 Das esposas, das mães que os lares velam,  
 Grata alegria os corações inunda,  
 Menos o dela, que suspira e geme,  
 E não aguarda doce esposo ou filho.  
 Triste os vê na partida e no regresso,  
 E nessa melancólica postura,  
 Semelha a acácia langue e esmorecida,  
 Que já de orvalho ou sol não pede os beijos.  
 As outras... — Raro em lábios de felizes  
 Alheias mágoas travam. Não se pejam  
 De seus olhos azuis e alegres penas  
 Os saís sobre as árvores pousados,  
 Se ao perto voa na campina verde  
 De anuns lutuoso bando; nem os trilos  
 Das andorinhas interrompe a nota  
 Que a juriti suspira. — As outras folgam  
 Pelo arraial dispersas; vão-se à terra  
 Arrancar as raízes nutritivas,  
 E fazem os preparos do banquete  
 A que hão de vir mais tarde os destemidos  
 Senhores do arco, alegres vencedores  
 De quanto vive na água e na floresta.  
 Da cativa nenhuma inquire as mágoas.

Contudo, algumas vezes, curiosas  
 Virgens lhe dizem, apiedando o gesto:  
 — “Pois que à taba voltaste, em que teus olhos  
 Primeiro viram luz, que mágoa funda  
 Lhes destila tão longo e amargo pranto,  
 Amargo mais do que esse que não busca  
 Recatado silêncio?” — E às doces vozes  
 A cristã desterrada assim responde:  
 — “Potira é como aquela flor que chora  
 Lágrimas de alvo leite, se do galho  
 Mão cruel a cortou. Oh! não permita  
 O céu que ímpia fortuna vos separe  
 Daquele que escolherdes. Dor é essa  
 Maior que um pobre coração de esposa.  
 Esperanças... Deixei-as nessas águas  
 Que me trouxeram, cúmplices do crime,  
 À taba de Tupã, não alumiada  
 Da palavra celeste. Algumas vezes,  
 Raras, alveja em minha noite escura  
 Não sei que tibia aurora, e penso: Acaso  
 O sol que vem me guarda um raio amigo,  
 Que há de acender nestes cansados olhos  
 Ventura que já foi. As asas colhe  
 Guanumbi, e o aguçado bico embebe  
 No tronco, onde repousa adormecido  
 Até que volte uma estação de flores.<sup>v</sup>  
 Ventura imita o guanumbi dos campos:  
 Acordará co’as flores de outros dias.  
 Doce ilusão que rápido se escoar,  
 Como o pingo de orvalho mal fechado  
 Numa folha que o vento agita e entorna.”  
 E as virgens dizem, apiedando o gesto:  
 — “Potira é como aquela flor que chora  
 Lágrimas de alvo leite, se do galho  
 Mão cruel a cortou!”

## X

Era chegado

O fatal prazo, o desenlace triste.  
 Tudo morre — a tristeza como o gozo;  
 Rosas de amor ou lírios de saudade,  
 Tarde ou cedo os esfolha a mão do tempo.  
 Costeando as longas praias, ou transpondo  
 Extensos vales e montanhas, correm  
 Mensageiros que às tabas mais vizinhas  
 Vão convidar à festa as gentes todas.  
 Era a festa da morte. Índio guerreiro,  
 Três luas há cativo, o instante aguarda  
 Em que às mãos de inimigos vencedores,  
 Caia expirante, e os vínculos rompendo  
 Da vida, a alma remonte além dos Andes.  
 Corre de boca em boca e de eco em eco  
 A alegre nova. Vem descendo os montes,  
 Ou abicando às povoadas praias  
 Gente da raça ilustre. A onda imensa  
 Pelo arraial se estende pressurosa.

De quantas cores natureza fértil  
 Tingem as próprias feições, copiam eles  
 Engraçadas, vistosas louçanias.  
 Vários na idade são, vários no aspecto,  
 Todos iguais e irmãos no herdado brio.  
 Dado o amplexo de amigo, acompanhado  
 De suspiros e pêsames sinceros  
 Pelas fadigas da viagem longa,  
 Rompem ruidosas danças. Ao tamoio  
 Deu o Ibaque os segredos da poesia;  
 Cantos festivos, moduladas vozes,  
 Enchem os ares, celebrando a festa  
 Do sacrifício próximo. Ah! não cubra  
 Véu de nojo ou tristeza o rosto aos filhos  
 Destes polidos tempos! Rudes eram  
 Aqueles homens de ásperos costumes,  
 Que ante o sangue de irmãos folgavam livres,  
 E nós, soberbos filhos de outra idade,  
 Que a voz falamos da razão severa  
 E na luz nos banhamos do Calvário,  
 Que somos nós mais que eles? Raça triste  
 De Cains, raça eterna...

## XI

Os cantos cessam.  
 Calou-se o maracá. As roucas vozes  
 Dos férvidos guerreiros já reclamam  
 O brutal sacrifício. Às mãos das servas  
 A taça do cauim passara exausta.  
 Inquieto aguarda o prisioneiro a morte.  
 Da nação guaianás nos rudes campos  
 Nasceu. Nos campos da saudosa pátria  
 Industriosa mão não sabe ainda  
 Alevantar as tabas. Cova funda  
 Da terra, mãe comum<sup>vi</sup>, no seio aberta,  
 Os acolhe e protege. O chão lhes forra  
 A pele do tapir; contínua chama  
 Lhes supre a luz do sol. É uso antigo  
 Do guaianás que chega a extrema idade,  
 Ou de mortal doença acometido,  
 Não expirar aos olhos de outros homens;  
 Vivo o guardam no bojo da igaçaba,  
 E à fria terra o dão, como se fora  
 Pasto melhor (melhor!) aos frios vermes.  
 Do almo, doce licor que extrai das flores  
 Mãe do mel, iramaia, larga cópia  
 Pelos robustos membros lhe coaram  
 Seis anciãs da tribo. Rubras penas  
 Na vasta frente e nos nervosos braços  
 Garridamente o enfeitam. Longa e forte  
 A muçurana os rins lhe cinge e aperta.  
 Entra na praça o fúnebre cortejo.  
 Olhar tranqüilo, inda que fero, espalha  
 O indomado cativo. Em pé, defronte,  
 Grave, silencioso, ao sol mostrando

De feias cores e vistosas plumas  
 Singular harmonia, aguarda a vítima  
 O executor. Nas mãos lhe pende a enorme  
 Tagapema enfeitada, arma certa,  
 Arma triunfal de morte e de extermínio.  
 Medem-se rosto a rosto os dois contrários  
 C'um sorriso feroz. Confusas vozes  
 Enchem súbito o espaço. Não lhe é dado  
 Ao vencido guerreiro haver a morte  
 Silenciosa e triste em que se passa  
 Da curva rede à fria sepultura.  
 Meigas aves que vão de um clima a outro  
 Abrem placidamente as asas leves,  
 Não tu, guerreiro, que encaraste a morte,  
 Tu combate! Vencido e vencedores  
 Derradeiros escárnios se arremessam;  
 Gritos, injúrias, convulsões de raiva,  
 Vivo clamor acorda os longos ecos  
 Das penedias próximas. A clava  
 Do executor girou no ar três vezes  
 E de leve caiu na grossa espádua  
 Do arquejante cativo. Já na boca,  
 Que o desprezo e o furor num riso entreabrem,  
 Orla de espuma alveja. Avança, corre,  
 Estaca... Não lhe dá mais amplo espaço  
 A muçurana, cujas pontas tiram  
 Dois mancebos robustos. Nas cavernas  
 Do longo peito lhe murmura o ódio,  
 Surdo, como o rumor da terra inquieta,  
 Pejada de vulcões. Os lábios morde,  
 E, como derradeira injúria, à face  
 Do executor lhe cospe espuma e sangue.  
 Não vibra o arco mais veloz o tiro,  
 Nem mais segura no aterrado cervo  
 Feroz sucuriúba os nós enrosca,  
 Do que a pesada, enorme tagapema  
 A cabeça de um golpe lhe esmigalha.  
 Cai fulminada a vítima na terra,  
 E alegre o povo longamente aplaude.

## XII

Na voz universal perdeu-se um grito  
 De piedade e terror: tão fundo entrara  
 Naquela alma roubada à noite escura  
 Raio de sol cristão! Potira fuge,  
 Pelos bosques atônita se entranha  
 E pára à margem de um pequeno rio;  
 Pousa na relva os trêmulos joelhos  
 E nas mimosas mãos esconde o rosto.  
 Não de lágrimas era aquele sítio  
 Ou só de doces lágrimas choradas  
 De olhos que amor venceu: — macia relva,  
 Leito de sesta a amores fugitivos.  
 Da verde, rara abóbada de folhas  
 Tépidas e doces a luz coava a frouxo  
 Do sol, que além das árvores tranqüilo,

Metade da jornada ia transpondo.  
 Longe era ainda a hora melancólica  
 Em que a jurema cerra a miúda folha,  
 E o lume azul o pirilampo acende.  
 De pé, a um velho tronco descoroado  
 Da copada ramagem, resto apenas,  
 Vestígio do tufão, a indiana moça  
 Languidamente encosta o esbelto corpo.  
 Neste ameno recesso tudo é triste,  
 Porque é alegre tudo. Não mui longe  
 Um desfolhado ipê conserva e guarda  
 Flores que lhe ficaram de outro estio,  
 Como esperança de folhagem nova,  
 Flores que a desventura lhe há negado,  
 A ela, alma esquecida nesta terra,  
 Que nada espera da estação vindoura.  
 Olha, e de inveja o coração lhe estala;  
 Pelo tronco das árvores se enroscam  
 Parasitas, esposas do arvoredado,  
 Mais fiéis não, mais venturosas que ela.  
 Morrer? Descanso fora as mágoas suas,  
 Mais que descanso, perdurável gozo,  
 Que a nossa eterna pátria aos infelizes  
 Deste desterro, guarda alvas capelas  
 De não-murchandas e cheirosas flores.  
 Tal lhe falava no íntimo do peito  
 Desespero cruel. Alguns instantes  
 Pela cansada mente lhe vagaram  
 De voluntária, abreviada morte  
 Lutuosas idéias. Mal compreende  
 Esses desmaios da criatura humana  
 Quem não sentiu no coração rasgado  
 Abatimento e enojo; ou, do mais que isto,  
 Esse contraste imenso e irreparável  
 Do amor interno e a solidão da vida.  
 Rápido espaço foi. Pronto lhe volve  
 Doce resignação, cristã virtude,  
 Que desafia e que assoberba os males.  
 As débeis mãos levanta. Já dos lábios  
 Solta nas asas de oração singela  
 Lágrimas suas... Na folhagem seca  
 Ouve de cautos pés rumor sumido  
 Volve a cabeça...

### XIII

Trêmulo, calado,  
 Anagê crava nela os olhos turvos  
 Dos vapores da festa. As mãos inermes  
 Lhe pendem; mas o peito — ó mísera! — esse,  
 Esse de mal contido amor transborda.  
 Longo instante passou. Ao fim: “Deixaste  
 A festa nossa (o bárbaro murmura);  
 Misteriosa vieste. Dos guerreiros  
 Nenhum te viu; mas eu senti teus passos,  
 E vim contigo ao ermo. Ave mesquinha,  
 Inútil foges; gavião te espreita<sup>vii</sup>,

Minha te fez Tupã.” Em pé, sorrindo  
 Escutava Potira a voz severa  
 De Anagê. Breve espaço abria entre ambos  
 Alcatifado chão. A fatal hora  
 Chegara ao fim? Não o prescruta a moça;  
 Tudo aceita das mãos do seu destino,  
 Tudo, exceto... No próximo arvoredo  
 Ouve de uma ave o pio melancólico;  
 Era a voz de seu pai? a voz do esposo?  
 De ambos talvez. No ânimo da escrava  
 Restos havia dessa crença antiga  
 Antiga e sempre nova: o peito humano  
 Raro de obscuros elos se liberta.

## XIV

— “Nasceste para ser senhora e dona:  
 Anagê não te veda a liberdade;  
 Quebra tu mesma os nós do cativo.  
 Faze-te esposa. Vem coroar meus dias;  
 Vem, tudo esqueço. A frente do guerreiro,  
 Adornada por ti, será mais nobre;  
 Mais forte o braço em que pousar teu rosto.  
 Sou menos belo que esse esposo ausente?  
 Rudes feições compensa amor sobejo.  
 Vem, ser-me-ás companheira nos combates,  
 E, se inimiga frecha entrar meu seio,  
 Morrerei a teus pés. Tens medo aos padres?  
 Outro destino escolhe. Cauteloso,  
 Tece o japu nos elevados ramos  
 Das elevadas árvores o ninho,  
 Onde o inimigo lhe não roube a prole.  
 Ninho há na serra ao nosso amor propício;  
 Viveremos ali. Troveje em baixo  
 A inúbia convidando à guerra os povos;  
 Leva de arcos transforme estas aldeias  
 Em campos de combate — ou já dispersas  
 As fugitivas tribos vão buscando  
 Longes sertões para chorar seus males,  
 Viveremos ali. Talvez um dia  
 Quando eu passar à misteriosa estância  
 Das delícias eternas, me pergunte  
 Meu velho pai: — *‘Teu arco de guerreiro  
 Em que deserta praia o abandonaste?’*\*  
 Salvar-me-á teu amor do eterno pejo.”

## XV

Doce era a voz e triste. Rasos d’água  
 Os olhos. Foi desmaio de tristeza  
 Que o gesto dissipou da esquiva moça.  
 Volve ao Tamoio vingativa idéia.  
 — “Minha” (diz ele) “ou morres!” Estremece  
 Potira, como quando a brisa passa

---

\* Embora não adotados pelo autor, utilizamos na entrefala o itálico e únicas aspas para facilitar a compreensão do texto.

Ao de leve na folha da palmeira,  
 E logo fria ao bárbaro responde:  
 — “Jaz esquecida em nossas velhas tabas  
 O respeito da esposa? Acaso é digna  
 Do sangue do Tamoio esta ameaça?  
 Que desvalia aos olhos teus me coube,  
 Se a outro me ligaram natureza,  
 Religião, destino? A liberdade  
 Nas tuas mãos depus; com ela a vida.  
 É tudo, quase tudo. Honra de esposa,  
 Oh! essa debes respeitá-la! Vai-te!  
 Ceva teu ódio nas sangrentas carnes  
 Do prostrado cativo. Aqui chorando,  
 Na soidão destes bosques mal fechados,  
 Às maviosas brisas meus suspiros  
 Entregarei; levá-los-ão nas asas  
 Lá onde geme solitário o esposo.  
 Vai-te!” E as mimosas mãos colhendo ao rosto,  
 Alçou a Deus o pensamento amante,  
 Como a centelha viva que a fogueira  
 Extinta aos ares sobe. Imóvel, muda,  
 Longo tempo ficou. Diante dela,  
 Como ela imóvel, o tamoio estava.  
 Amor, ódio, ciúme, orgulho, pena,  
 Opostos sentimentos se combatem  
 No atribulado peito. Generoso  
 Era, mas não domado amor lhe dava  
 Inspiração de crimes. Não mais pronto  
 Cai sobre a triste corça fugitiva  
 Jaguar de longa fome esporeado,  
 Do que ele as mãos lançou ao colo e à frente  
 Da mísera Potira. Ai! não, não diga  
 A minha voz o lamentoso instante  
 Em que ela, ao seu algoz volvendo ansiosa  
 Turvos olhos: “Perdôo-te!” murmura,  
 Os lábios cerra e imaculada expira!

## XVI

Estro maior teu nome obscuro cante,  
 Moça cristã das solidões antigas,  
 E eterno o cinja de virentes flores,  
 Que as mereces. De não sabido bardo  
 Estes gemidos são<sup>viii</sup>. Lânguidas brisas  
 No taquaral à noite sussurrando,  
 Ou enrugando o mole dorso às vagas,  
 Não tem a voz com que domina os ecos  
 Despenhada cachoeira. São, contudo,  
 Mas que débeis e tristes, no concerto  
 Da orquestra universal cabidas notas.  
 Alveja a nebulosa entre as estrelas,  
 E abre ao pé do rosal a flor da murta.

## ***NIANI***

(HISTÓRIA GUAICURU)

Desde então cobriu-se Nanine de uma mortal melancolia, sendo seus olhos sempre chorosos. Assim se passaram três meses, quando um dia, estando deitada na sua rústica cama, lhe deram a notícia que seu desleal marido se tinha casado com uma rapariga de menor esfera. Senta-se então Nanine na cama, como arrebatada, chama para junto de si um pequeno índio que era seu cativo, e diz-lhe na presença de vários antecris: “És meu cativo; dou-te a liberdade, com a condição de que te chamarás toda\* a vida Panenioxé.” Então seus olhos deixaram correr dilúvios de lágrimas pelas suas tristes faces, que ela de envergonhada quis ocultar, mas o amor ofendido não o permitia. Parece que esta violenta contenda de duas poderosas paixões lhe motivou uma febre ardente, com a qual ao outro dia perdeu a vida.

F. RODRIGUES PRADO, *Hist. dos Índios Cavaleiros*.

---

\* No original está escrito *todo*, sem correção na errata.

## NIANI

.....que piagne  
Vedova, sola.  
DANTE, *Purgat. VI.*

### I

Contam-se histórias antigas  
Pelas terras de além-mar,  
De moças e de princesas,  
Que amor fazia matar.

Mas amor que entranha n'alma  
E a vida soe acabar,  
Amor é de todo o clima,  
Bem como a luz, como o ar.

Morrem dele nas florestas  
Aonde habita o jaguar,  
Nas margens dos grandes rios  
Que levam troncos ao mar.

Agora direi um caso  
De muito penalizar,  
Tão triste como os que contam  
Pelas terras de além-mar.

### II

Cabana que esteira cobre  
De junco trançado a mão,  
Que agitação vai por ela!  
Que ledas horas lhe vão!

Panenioxe é guerreiro  
Da velha, dura nação<sup>ix</sup>,  
Caiavaba há já sentido  
A sua lança e facão<sup>x</sup>.

Vem de longe, chega à porta  
Do afamado capitão;  
Deixa a lança e o cavalo,  
Entra com seu coração.

A noiva que ele lhe guarda  
Moça é de nobre feição,  
Airosa como ágil corça  
Que corre pelo sertão.

Amores eram nascidos  
Naquela tenra estação,  
Em que a flor que há de ser flor  
Inda se fecha em botão.

Muitos agora lhe querem,  
E muitos que fortes são;

Niani ao melhor deles  
 Não dera o seu coração.<sup>xi</sup>

Casá-los agora, é tempo;  
 Casá-los, nobre ancião!  
 Limpo sangue tem o noivo,  
 Que é filho de capitão.<sup>xii</sup>

### III

“— Traze a minha lança, escravo,  
 Que tanto peito abateu;  
 Traze aqui o meu cavalo  
 Que largos campos correu.”

“— Lança tens e tens cavalo  
 Que meu velho pai te deu;  
 Mas aonde te vais agora  
 Onde vais\*, esposo meu?”

“— Vou-me à caça, junto à cova  
 Onde a onça se meteu...”

“— Montada no meu cavalo  
 Vou contido, esposo meu.”

“— Vou-me às ribas do Escopil,  
 Que a minha lança varreu...”

“— Irei pelear na guerra,  
 A teu lado, esposo meu.”

---

\* No original, o autor utilizou-se da forma verbal *vas*.

“— Fica-te aí na cabana  
 Onde o meu amor nasceu.”  
 “— Melhor não haver nascido  
 Se já de todo morreu.”

E uma lágrima — a primeira  
 De muitas que ela verteu —  
 Pela face cobreada  
 Lenta, lenta lhe correu.

Enxugá-la, não a enxuga  
 O esposo que já perdeu,  
 Que ele no chão fita os olhos,  
 Como que a voz lhe morreu.

Traz o escravo o seu cavalo  
 Que o velho sogro lhe deu;  
 Traz-lhe mais a sua lança  
 Que tanto peito abateu.

Então, recobrando a alma,  
 Que o remorso esmoreceu,  
 Com esta dura palavra  
 À esposa lhe respondeu:

“— A bocaiúva três vezes  
 No tronco amadureceu,<sup>xiii</sup>  
 Desde o dia em que o guerreiro  
 Sua esposa recebeu.”

Três vezes! Amor sobejo  
 Nossa vida toda encheu.  
 Fastio me entrou no seio,  
 Fastio que me perdeu.”

E pulando no cavalo,  
 Sumiu-se... desapareceu...  
 Pobre moça sem marido,  
 Chora o amor que lhe morreu!

#### IV

Leva o Paraguai as águas,  
 Leva-as no mesmo correr,  
 E as aves descem ao campo  
 Como usavam de descer.

Tenras flores, que outro tempo  
 Costumavam de nascer,  
 Nascem; vivem de igual vida;  
 Morrem do mesmo morrer.

Niani, pobre viúva,  
 Viúva sem bem o ser,  
 Tanta lágrima chorada  
 Já te não pode valer.

Olhos que amor desmaiara  
 De um desmaiar que é viver,  
 O choro empana-os agora,  
 Como que vão fenecer.

Corpo que fora robusto  
 No seu cavalo a correr,  
 De contínua dor quebrado  
 Mal se pode já suster.

Colar de prata não usa,  
 Como usava de trazer;  
 Pulseiras de finas contas  
 Todas as veio a romper.<sup>xiv</sup>

Que ela, se nada há mudado  
 Daquele eterno viver,  
 Com que a natureza sabe  
 Renascer, permanecer.

Toda é outra; a alma lhe morre,  
 Mas de um contínuo morrer,  
 E não há mágoa mais triste  
 De quantas podem doer.

Os que outrora a desejavam,  
 Antes dela mal haver,  
 Vendo que chora e padece,  
 Rindo, se põem a dizer:

“— Remador vai na canoa,  
 Canoa vai a descer...  
 Piranha espiou do fundo  
 Piranha, que o vai comer.

Ninguém se fie da brasa  
 Que os olhos vêem arder,  
 Sereno que cai de noite  
 Há de fazê-la morrer.

Panenioxe, Panenioxe,  
 Não lhe sabias querer.  
 Quem te pagara esse golpe  
 Que lhe vieste fazer!”

V

Um dia — era sobre tarde,  
 Ia-se o sol a afundar;  
 Calumbi cerrava as folhas  
 Para melhor as guardar.

Vem cavaleiro de longe  
 E à porta vai apear.  
 Traz o rosto carregado,  
 Como a noite sem luar.

Chega-se à pobre da moça  
 E assim começa a falar:  
 “— Guaicuru doe-lhe no peito  
 tristeza de envergonhar.

Esposo que te há fugido  
 Hoje se vai casar;  
 Noiva não é de alto sangue,  
 Porém de sangue vulgar.”

Ergue-se a moça de um pulo,  
 Arrebatada, e no olhar  
 Rebenta-lhe uma faísca  
 Como de luz a expirar.

Menino escravo que tinha  
 Acerta de ali passar;  
 Niani atentando nele  
 Chama-o para o seu lugar.

“— Cativo és tu: serás livre,  
 Mas vais o nome trocar;  
 Nome avesso te puseram...  
 Panenioxe há de ficar.”

Pela face cobreada  
 Desce, desce com vagar  
 Uma lágrima: era a última  
 Que lhe restava chorar.

Longo tempo ali ficara,  
 Sem se mover nem falar;  
 Os que a vêem naquela mágoa  
 Nem ousam de a consolar.

Depois um longo suspiro,  
 E ia a moça a expirar...  
 O sol de todo morria  
 E enegrecia-se o ar.

Pintam-na de vivas cores,  
 E lhe lançam um colar;<sup>xv</sup>  
 Em fina esteira de junco  
 Logo a vão amortilhar.

O triste pai suspirando  
 Nos braços a vai tomar,  
 Deita-a sobre o seu cavalo  
 E a leva para enterrar.

Na terra em que dorme agora  
 Justo lhe era descansar,  
 Que pagou fora da vida  
 Com muito e muito penar.

Que assim se morre de amores  
 Aonde habita o jaguar,

Como as princesas morriam  
Pelas terras de além-mar.

# A CRISTÃ-NOVA

...essa mesma foi levada  
cativa para uma terra estranha.  
NAHUM, cap. III, v. 10

## PARTE I

### I

Olhos fitos no céu, sentado à porta,  
O velho pai estava. Um luar frouxo  
Vinha beijar-lhe a veneranda barba  
Alva e longa, que o peito lhe cobria,  
Como a névoa na encosta da montanha  
Ao destoucar da aurora. Alta ia a noite,  
E silenciosa: a praia era deserta,  
Ouvia-se o bater pausado e longo  
Da sonolenta vaga — único e triste  
Som que a mudez quebrava à natureza.

### II

Assim talvez nas solidões sombrias  
Da velha Palestina  
Um profeta no espírito volvera  
As desgraças da pátria. Quão remota  
Aquela de seus pais sagrada terra,  
Quão diferente desta em que há vivido  
Os seus dias melhores! Vago e doce,  
Este luar não alumia os serros  
Estéreis, nem as últimas ruínas,  
Nem as ermas planícies, nem aquele  
Morno silêncio da região que fora  
E que a história de todo amortilhara.  
Ó torrentes antigas! águas santas  
De Cédron! Já talvez o sol que passa,  
E vê nascer e vê morrer as flores,  
Todas no leito vos secou,<sup>xvi</sup> enquanto  
Estas murmuram plácidas e cheias,  
E vão contando às deleitosas praias  
Esperanças futuras. Longo e longo  
O devolver dos séculos  
Será, primeiro que a memória do homem  
Teça a mortalha fria  
Da região que inda tinge o albor da aurora.

### III

Talvez, talvez no espírito fechado  
Do ancião vagueavam lentamente  
Estas idéias tristes. Junto à praia  
Era a austera mansão, donde se via  
Desenrolarem-se as serenas vagas  
Do nosso golfo azul. Não a enfeitavam  
As galas da opulência, nem os olhos

Entristecia co' o medonho aspecto  
 Da miséria; não pródiga nem surda  
 A fortuna lhe fora, mas aquela  
 Mediana sóbria, que os desejos  
 Contenta do filósofo, lhe havia  
 Dourado os tetos. Guanabara ainda  
    Não era a flor aberta  
 Da nossa idade, era botão apenas,  
 Que rompia do hastil, nascido à beira  
 De suas ondas mansas. Simple e rude,  
 Ia brotando a juvenil cidade,  
 Nestas incultas terras, que a lembrança  
 Recordava talvez do antigo povo,  
 E o guau alegre, e as ríspidas pelejas,  
 Toda essa vida que morreu.

## IV

## Sentada

Aos pés do velho estava a amada filha,  
 Bela como a açucena dos Cantares,  
 Como a rosa dos campos. A cabeça  
 Nos joelhos do pai reclinava a moça,  
 E deixa resvalar o pensamento  
 Rio abaixo das longas esperanças  
 E namorados sonhos. Negros olhos  
    Por entre os mal fechados  
 Cílios estende à serra que recorta  
 Ao longe o céu. Morena é a face linda  
 E levemente pálida. Mais bela,  
 Nem mais suave era a formosa Ruth  
 Ante o rico Boaz, do que essa virgem,  
 Flor que Israel brotou do antigo tronco,  
 Corada ao sol da juvenil América.

## V

Mudos viam correr aquelas horas  
 Da noite, os dois: ele voltando o rosto  
 Ao passado, ela os olhos ao futuro.  
 Cansam-lhe enfim ao pensamento as asas  
 De ir voando, através da espessa treva,  
 Frouxas as colhe, e desce ao campo exíguo  
 Da realidade. A delicada virgem  
 Primeiro volve a si; os lindos dedos  
 Corre-lhe ao longo da nevada barba,  
 E — “Pai amigo, que pensar vos leva  
 Tão longe a alma?” Estemecendo o velho:  
 — “Curiosa! — lhe disse —, o pensamento  
 E como as aves passageiras: voa  
 A buscar melhor clima. — Oposto rumo  
 Ias tu, alma em flor, aberta apenas,  
 Tão longe ainda do calor da sesta,  
 Tão remota da noite... Uma esperança  
 Te sorria talvez? Talvez, quem sabe,  
 Uns namorados olhos que me roubem,  
 Que te levem... Não córes\*, filha minha!  
 Esquecimento, não; lembrança ao menos  
 Ficar-te-á do paterno afeto; e um dia,  
 Quando eu na terra descansar meus ossos,  
 Haverás doce bálsamo no seio  
 Da afeição juvenil... Sim; não te acuso;  
 Ama: é a lei da natureza, eterna!  
 Ama: um homem será da nossa raça...”

## VI

Estas palavras tais ouvindo a moça,  
 Turbada os olhos descaiu na terra,  
 E algum tempo ficou calada e triste,  
 Como no azul do céu o astro da noite,  
 Se uma nuvem lhe empana a meio a face.  
 Súbito a voz e o rosto alevantando,  
 Com dissimulação — pecado embora,  
 Mas inocente: — “Olhai, a noite é linda!  
 O vento encrespa molemente as ondas,  
 E o céu é todo azul e todo estrelas!  
 Formosa, oh! quão formosa a terra minha!  
 Dizei: além desses compridos serros,  
 Além daquele mar, à orla de outros,  
 Outras como esta vivem?”

## VII

Fresca e pura  
 Era-lhe a voz, voz d’alma que sabia  
 Entrar no coração paterno. A fronte  
 Inclina o velho sobre o rosto amado  
 De Ângela. — Na cabeça ósculo santo

---

\* Manteve-se o acento para preservar o sentido do verso.



E mais augusta a solidão. Na alcova  
 Entre a pálida moça. Da parede  
 Um Cristo pende; ela os joelhos dobra  
 Os dedos cruza e reza — não serena,  
 Nem alegre também, como costuma,  
 Mas a tremer-lhe nos formosos olhos  
 Uma lágrima.

## IX

A lâmpada acendida  
 Sobre a mesa do velho, as largas folhas  
 Alumia de um livro. O máximo era  
 Dos livros todos. A escolhida lauda  
 Era a do canto dos cativos que iam  
 Pela ribas do Eufrates, lembrando  
 As desgraças da pátria. A sós, com eles,  
 Suspira o velho aquele salmo antigo:

Junto os rios da terra amaldiçoada  
 De Babilônia, um dia nos sentamos,  
 Com saudades de Sião amada.

As harpas nos salgueiros penduramos,  
 E ao lembrarmos os extintos dias  
 As lágrimas dos olhos desatamos.

Os que nos davam cruas agonias  
 De cativo, ali nos perguntavam  
 Pelas nossas antigas harmonias.

E dizíamos nós aos que falavam:  
*Como em terra de exílio amargo e duro  
 Cantar os hinos que ao Senhor louvavam?...*

*Jerusalém, se inda num sol futuro,  
 Eu desviar de ti meu pensamento  
 E teu nome entregar a olvido escuro,*

*A minha destra a frio esquecimento  
 Votada seja; apegue-se à garganta  
 Esta língua infiel, se um só momento*

*Me não lembrar de ti, se a grande e santa  
 Jerusalém não for minha alegria  
 Melhor no meio de miséria tanta.*

*Oh! lembra-lhes, Senhor, aquele dia  
 Da abatida Sião, lembra-lhos aos duros  
 Filhos de Edom, e à voz que ali dizia:\**

Arruinai-a, arruinai-a; os muros  
 Arrasemo-los todos; só lhe baste

---

\* O autor não esclarece, no original, os limites dos diálogos nestes versos, por isso optou-se pelos itálicos, que nos pareceu melhor traduzir a vontade autoral.





Ângela ouvira as vozes da cidade,  
 As vozes do furor. Já receosa,  
 Trêmula, foge à alcova e se encaminha  
 À câmara paterna. Ia transpondo  
 A franqueada porta... e pára. O peito  
 Rompe-lho quase o coração — tamanho  
 É o palpitar, um palpitar de gosto,  
 De surpresa e de susto. Aqueles olhos,  
 Aquela graça máscula do gesto,  
 Graça e olhos são dele, o amado noivo,  
 Que entre os mais homens elegeu sua alma  
 Para o vínculo eterno... Sim, que a morte  
 Pode arrancar ao seio humano o alento  
 Último e derradeiro; os que deveras  
 Unidos foram, volverão unidos  
 A mergulhar na eternidade. Estava  
 Junto do velho pai o gentil moço,  
 Ele todo agitado, o ancião sombrio,  
 Calados ambos. A atitude de ambos,  
 O misterioso, gélido silêncio,  
 Mais que tudo, a presença nunca usada  
 Daquele homem ali, que mal a espreita  
 De longe e a furto, nos instantes breves  
 Em que lhe é dado vê-la, tudo à moça  
 O ânimo abala e o coração enfia.

## V

Mas o tropel de fora avulta e cresce  
 E os três acorda. A virgem, lentamente,  
 Rosto inclinado ao chão, transpõe o espaço  
 Que dos dois a separa. O tenro colo  
 Curva ante o pai, e na enrugada destra  
 O ósculo imprime, herdada usança nossa  
 De filial respeito. As mãos lhe toma  
 Enternecido o velho; olhos com olhos  
 Alguns instantes rápidos ficaram,  
 Até que ele, voltando o rosto ao moço:  
 “— Perdoai — disse — se paterno afeto  
 Me atou a língua. Vacilar é justo  
 Quando à pobre ruína a flor lhe pedem  
 Que única lhe nasceu — única adorna  
 A aridez melancólica do extremo,  
 Pálido sol... Não protesteis! Roubá-la,  
 Arrancá-la aos meus últimos instantes,  
 Não o fareis de certo. Pouco importa  
 Dês que a metade lhe levais da vida,  
 Dês que seu coração, convosco parte  
 Afeições minhas. — Ao demais, o sangue  
 Que lhe corre nas veias condenado,  
 Nuno, será dos vossos...” Longo e frio  
 Olhar estas palavras acompanha,  
 Como a arrancar-lhe o pensamento interno.  
 A donzela estremece. Nuno o alento  
 Recobra e fala: — “Puro sangue é ele,



## VIII

Sobre a fronte dos dois, as mãos impondo  
 Ao seio os conchegou, bem como a tenda  
 Do patriarca santo agasalhava  
 O moço Isaac e a delicada virgem  
 Que entre os rios nasceu<sup>xviii</sup>. Delicioso  
 E solene era o quadro; mas solene  
 E delicioso embora, ia esvair-se  
 Qual celeste visão, que acende a espaços  
 O ânimo do infeliz. A guerra, a dura  
 Necessidade de imolar os homens,  
 Por salvar homens, a terrível guerra  
 Corta o amoroso vínculo que os prende  
 E à moça o riso lhe converte em lágrimas.  
 Mísera és tu, pálida flor; mas sofre  
 Que o calor deste sol te acurve o cálice,  
 Morta, não; nem já murcha — mas apenas  
 Como cansada de queimor do estio.  
 Sofre; a tarde virá serena e branda  
 A reviver-te o alento; a fresca noite  
 Choverá sobre ti piedoso orvalho  
 E mais risonha surgirás à aurora.

## IX

Foge à estância da paz o ardido moço;  
 Esperança, fortuna, amor e pátria  
 A guerrear o levam. Já nas veias  
 O vivo sangue irrequieto pulsa,  
 Como ansioso de correr por ambas,  
 A bela terra e a suspirada noiva.  
 Triste quadro a seus olhos se apresenta;  
 Nos femininos rostos vê pintados  
 Incerteza e terror; lamentos, gritos  
 Soam de entorno. Voam pelas ruas  
 Homens de guerra; homens de paz se aprestam  
 Para a crua peleja; e, ou nobre estância,  
 Ou choupana rasteira, armado é tudo  
 Contra a forte invasão. Nem lá se deixa  
 Quietos, a sós com Deus, na estreita cela,  
 O solitário monge que às batalhas  
 Fugiu da vida. O patrimônio santo  
 Cumpre salvá-lo. Cruz e espada empunha,  
 Deixa a serena região da prece  
 E voa ao torvelinho do combate.

## X

Entre os fortes alunos que dirige  
 O ardido Bento<sup>xix</sup>, a perfilar-se corre  
 Nuno. Estes são os que o primeiro golpe  
 Descarregam no atônito inimigo.  
 Do militar ofício ignoram tudo,  
 De armas não sabem; mas o brio e a honra  
 E a lembrança da terra em que primeiro

Viram a luz, e onde o perdê-la é doce,  
 Essa a escola lhes foi. Pasma o inimigo  
 Do nobre esforço e galhardia rara,  
 Com que inda nos umbrais da vida que orna  
 Tanta esperança, tanto sonho de ouro,  
 Resolutos a morte encaram, prestes  
     A retalhar nas dobras  
 Da vestidura fúnebre da pátria  
 O piedoso lençol que os leve à campa,  
 Ou com ela cingir o eterno louro.

## XI

Ó mocidade, ó baluarte vivo  
 Da cara pátria! Já perdida é ela,  
 Quando em teu peito entusiasmo santo  
 E puro amor se extingue, e àquele nobre,  
 Generoso despejo e ardor antigo  
 Sucede o frio calcular, e o torpe  
 Egoísmo, e quanto há aí no humano peito,  
 Que a natureza não criou nem ama,  
 Que é fruto nosso e podre... Muitos caem  
 Mortos ali. Que importa? Vão seguindo  
 Avante os bravos, que a invasão caminha  
 Implacável e dura, como a morte,  
 A pelejar e a destruir. Tingidas  
     Ruas de estranho sangue  
 E sangue nosso, lacerados membros,  
 Corpos de que há fugido a alma cansada,  
 E o denso fumo e os fúnebres lamentos,  
 Quem nessa confusão, miséria e glória  
 Conhecerá da juvenil cidade  
 O aspecto, a vida? Aqui da infância os dias  
 Nuno vivera, à vicejante sombra  
 Do seu pátrio arvoredo, ao som das vagas  
 Que inda batendo vão na amada areia;  
 Risos, jogos da verde meninice,  
 Esta praia lhe lembra, aquela pedra,  
 A mangueira do campo, a tosca cerca  
 De espinheiro e de flores enlaçadas,  
 A ave que voa, a brisa que suspira,  
 Que suspira como ele há suspirado,  
 Quando rompendo o coração do peito  
 Ia-lhe empós dessa visão divina,  
 Realidade agora... E há de perdê-las  
 Pátria e noiva? Esta idéia lhe esvoaça  
 Torva e surda no cérebro do moço,  
 E ao contraído espírito redobra  
     Ímpeto e forças. Rompe  
 Por entre a multidão dos seus, e investe  
 Contra o duro inimigo; e as balas voam,  
 E com elas a morte, que não sabe  
 Dos escolhidos seus a terra e o sangue,  
 E indistintos os toma; ele, no meio  
 Daquele horrível turbilhão, parece  
 Que a faísca do gênio o leva e anima,

Que a fortuna o votara à glória.

## XII

Soam

Enfim os gritos de triunfo; e o peito  
Do povo que lutou respira à larga,  
Como ao que, após árdua subida, chega  
Ao cimo da montanha, e ao longe os olhos  
Estende pelo azul dos céus, e a vida  
Bebe nesse ar mais puro. Farto sangue  
A vitória custara; mas, se em meio  
De tanta glória há lágrimas, soluços,  
Gemidos de viuvez, quem os escuta,  
Quem as vê essas lágrimas choradas  
Na multidão da praça que troveja  
E folga e ri? O sacro bronze que usa  
Os fiéis convidar à prece, e a morte  
Do homem pranteia lúgubre e solene,  
Ora festivo canta  
O comum regozijo; e pela aberta  
Porta dos templos entra a frouxo o povo  
A agradecer com lágrimas e vozes  
O triunfo — piedoso instinto da alma,  
Que a Deus levanta o pensamento e as graças.

## XIII

Tu, mancebo feliz, tu bravo e amado,  
 Voa nas asas rútilas e leves  
 Da fortuna e do amor. Como ao indiano,  
 Que, ao regressar das porfiadas lutas,  
 Por estas mesmas regiões entrava,  
 A encontrá-lo saía a meiga esposa,  
 — A recente cristã, entre assustada  
 E jubilosa coroará teus feitos  
 Co'a melhor das capelas que hão pousado  
 Em frente de varão — um doce e longo  
 Olhar que inteiro encerra a alma que chora  
 De gosto e vida! Voa o moço à estância  
 Do ancião; e ao pôr na suspirada porta  
 Olhos que traz famintos de encontrá-la,  
 Frio terror lhe empece os membros. Frouxo  
 Ia o sol transmontando; lenta a vaga  
 Melancolicamente ali gemia,  
 E todo o ar parecia arfar de morte.  
 Qual se pálida a vira, já cerrados  
   Os desmaiados olhos,  
   Frios os doces lábios  
 Cansados de pedir aos céus por ele,  
 Nuno estacara; e pelo rosto em fio  
 O suor lhe caiu da extrema angústia;  
   Longo tempo vacila;  
 Vence-se enfim, e entra a mansão da esposa.

## XIV

Quatro vultos na câmara paterna  
   Eram. O pai sentado,  
 Calado e triste. Reclinada a frente  
 No espaldar da cadeira, a filha os olhos  
 E o rosto esconde, mas tremor contínuo  
 De um abafado soluçar o esbelto  
 Corpo lhe agita. Nuno aos dois se chega;  
 Ia a falar, quando a formosa virgem,  
 Os lacrimosos olhos levantando,  
 Um grito solta do íntimo do peito  
 E se lhe prostra aos pés: “Oh! vivo, és vivo!  
 Inda bem... Mas o céu, que por nós vela,  
 Aqui te envia... Salva-o tu, se podes,  
 Salva meu pobre pai!” Estremecendo  
 Nela e no velho fita Nuno os olhos,  
 E agitado pergunta: “Qual ousado  
 Braço lhe ameaça a vida?” Caverosa  
 Uma voz lhe responde: “O santo ofício!”  
   Volve o mancebo o rosto  
   E o merencório aspecto  
 De dois familiares todo o sangue  
 Nas veias lhe gelou.

## XV

## Solene o velho

Com a voz, não frouxa, mas pausada, fala:  
 “— Vês? Todo o brio, todo o amor no peito  
 Te emudeceu. Só lastimar-me podes,  
 Salvar-me, nunca. O cárcere me aguarda,  
 E a fogueira talvez; cumpri-la, é tempo,  
 A vontade de Deus. Tu, pai e esposo  
 Da desvalida filha que aí deixo,  
 Nuno, serás. A relembrar com ela  
 Meu pobre nome, aplacareis a imensa  
 Cólera do Senhor...” Sorrindo irônico,  
 Estas palavras últimas lhe caem  
 Dos lábios tristes. Ergue-se: “Partamos!  
 Adeus! Negou-me Aquele que no campo  
 Deixa a árvore anciã perder as folhas  
 No mesmo ponto em que as nutriu viçosas,  
 Negou-me ver por estas longas serras  
 Ir-se-me o último sol. Brando regaço  
 A filial piedade me daria  
 Em que eu dormisse o derradeiro sono,  
 E em braços de meu sangue transportado  
 Fora em horas de paz e de silêncio  
 Levado ao leito extremo e eterno. Vive  
 Ao menos tu...”

## XVI

## Um familiar lhe corta

O adeus último: “Vamos: é já tempo!”  
 Resignado o infeliz, ao seio aperta  
 A filha, e todo o coração num beijo  
 Lhe transmitiu, e a caminhar começa.  
 Ângela os lindos braços sobre os ombros  
 Trava do austero pai; flores disséreis  
 De parasita, que enroscou seus ramos  
 Pelo cansado tronco, estéril, seco  
 De árvore antiga: “Nunca! Não de primeiro  
 A alma arrancar-me! Ou se heis pecado, e a morte  
 Pena há de ser da cometida culpa,  
 Convosco descerei à campa fria,  
 Juntos a mergulhar na eternidade.

## Israel tem vertido

Uma mar de sangue. Embora! à tona dele  
 Verdeja a nossa fé<sup>xx</sup>, a fé que anima  
 O eleito povo, flor suave e bela  
 Que o medo não desfolha, nem já seca  
 Ao vento mau da cólera dos homens!”

## XVII

Trêmula a voz do peito lhe saía.  
 Das mãos lhe trava um dos algozes. Ela  
 Entrega-se risonha,  
 Como se o cálix da amargura extrema  
 Pelos meles da vida lhe trocassem  
 Celeste e eterna. O coração do moço



## XX

Mergulhara de todo o sol no ocaso,  
E a noite, clara, deliciosa e bela,  
A cidade cobriu — não sossegada,  
Como costuma — porém leda e viva,  
Cheia de luz, de cantos e rumores,  
Vitoriosa enfim. Eles, calados,  
Foram por entre a multidão alegre,  
A penetrar o cárcere sombrio.

Donde ao mar passarão, que os leve às praias  
Da ancião Europa. Carregado o rosto,  
Ia o pai; ela, não. Serena e meiga,  
Entra afoita o caminho da amargura,  
A custo sofrendo internas mágoas  
Da amarga vida, breve flor como ela,  
Que inda mais breve a mente lhe afigura.  
Anjo, descera da região celeste  
A pairar sobre o abismo; anjo, subia  
De novo à esfera luminosa e eterna,  
Pátria sua. Levar-lhe-á Deus em conta  
O muito amor e o padecer extremo,  
Quando romper a túnica da vida  
E o silêncio imortal fechar seus lábios.

## JOSÉ BONIFÁCIO<sup>xxi</sup>

De tantos olhos que o brilhante lume  
Viram do sol amortecer no ocaso,  
Quantos verão nas orlas do horizonte  
Resplandecer a aurora?

Inúmeras, no mar da eternidade,  
As gerações humanas vão caindo;  
Sobre elas vai lançando o esquecimento  
A pesada mortalha.

Da agitação estéril em que as forças  
Consumiram da vida, raro apenas  
Um eco chega aos séculos remotos,  
E o mesmo tempo o apaga.

Vivos transmite a popular memória  
O gênio criador e a sã virtude,  
Os que o pátrio torrão honrar souberam,  
E honrar a espécie humana.

Vivo irás tu, egrégio e Nobre Andrada!  
Tu, cujo nome, entre os que à pátria deram  
O batismo da amada independência,  
Perpetuamente fulge.

O engenho, as forças, o saber, a vida  
Tudo votaste à liberdade nossa,  
Que a teus olhos nasceu, e que teus olhos  
Inconcussa deixaram.

Nunca interesse vil manchou teu nome,  
Nem abjectas paixões; teu peito ilustre  
Na viva chama ardeu que os homens leva  
Ao sacrifício honrado.

Se teus restos há muito que repousam  
No pó comum das gerações extintas,  
A pátria livre que legaste aos netos,  
E te venera e ama,

Nem a face mortal consente à morte  
Que te roube, e no bronze redivivo  
O austero vulto restitui aos olhos  
Das vindouras idades.  
“Vede” (lhes diz) “o cidadão que teve  
Larga parte no largo monumento  
Da liberdade, a cujo seio os povos  
Do Brasil te acolheram

Pode o tempo varrer, um dia, ao longe,  
A fábrica robusta; mas os nomes  
Dos que o fundaram viverão eternos,  
E viverás, Andrada!”



## A VISÃO DE JACIÚCA

Où sont ces âmes guerrières... et ces arcs  
 Qu'on ne vit jamais tendus en vain?  
 BOSSUET: *Orais. fun. de la princesse Palatine.*

Prestes de novo a batalhar, chegavam  
 Os valentes guerreiros. Mas onde ele,  
 O duro chefe da indomável tribo,  
 O senhor das montanhas? Afirmava  
 Tatupeba que o vira, antes da aurora,  
 Erguer-se, e ao longo do vizinho rio,  
 Por algum tempo caminhar calado,  
 Como se o abafara um pensamento  
 E lhe impedira o sono. Vão receio  
 De batalhar? Oh! não! Quase na infância,  
 A torva catadura viu da guerra,  
 Ofício de homens, que aprendeu brincando  
 Com seu pai, extremado entre os guerreiros,  
 E na bravura e na prudência; a frecha  
 Ninguém soubera menear como ele,  
 Nem mais veloz, nem mais certa nunca.

\*\*\*

A lentos passos caminhando chega,  
 Enfim, o bravo Jaciúca. Torvo  
 E merencório traz o duro aspecto.  
 “— Vamos (diz ele) a descansar na taba,  
 Entre festas e danças; penduremos  
 As armas nossas, que sobeja há sido  
 A glória, e a doce paz nos chama.”

Leve,

Surdo rumor entre os guerreiros soa;  
 Vai subindo, é rugido, é já tumulto,  
 Como o grunhir de tajaçus no mato,  
 Que se aproxima e cresce. Jaciúca  
 Olhos quietos pelo campo estende;  
 Seu feio rosto é como a rocha dura  
 Que o raio quebra, mas não lasca o vento.  
 Fecha os lábios e pensativo espera.

\*\*\*

Tatupeba, que a raiva a custo esconde,  
 Ergue-se então; crava-lhe os fulvos olhos,  
 Como a afiada ponta de uma frecha.  
 Seu porte, entre os irmãos, semelha à vista  
 Jequitibá robusto; mais que todos,  
 Terror inspira e universal respeito.  
 Ergue-se e fala: “— Longos sóis hei visto,  
 Pelejei muitas guerras; a meu lado  
 Vi cair mais valentes do que folhas  
 Arranca o furacão; mas nunca o ânimo  
 Dos lidadores abalou a palavra

Como essa tua; nunca os braços nossos  
 Ficar deixaram nos desertos campos  
 Os ossos não vingados dos guerreiros.  
 Que gênio mau te insinuou tal crime?"  
 Assim falando, Tatupeba o solo  
 Com a planta feriu. Os olhos todos  
 Pendem da boca do sombrio chefe.  
 Silencioso Jaciúca ouvira  
 As falas do guerreiro; silencioso  
 E quieto ficou. Após instantes,  
 A fronte sacudiu, como expelindo  
 Idéias más que o cérebro lhe turvam,  
 E a voz lhe rompe do íntimo do peito.

\*\*\*

“Ó guerreiros (diz ele), aqui deitados  
 Estivestes a noite, e toda inteira  
 A dormistes de certo; eu, não distante,  
 Do rio à marge\* a trabalhar comigo,  
 Afiava na mente atra vingança;  
 Até que os frouxos membros descaíram  
 Sobre a macia relva, e um tempo largo  
 Assim fiquei entre vigília e sono.  
 Viam meus olhos ondular as águas,  
 Mas no alheado pensamento os ecos  
 Sussurravam da infância. Um gênio amigo  
 Aos tempos me levava em que no rosto  
 De meu pai aprendi, com frio pasmo,  
 A rara intrepidez, válida herança,  
 Que tanto custa ao pérfido inimigo.

\*\*\*

De repente, uma luz pálida e triste  
 Inunda o campo: transparente névoa  
 E luminosa aquilo parecia,  
 Ou baço refletir da branca lua  
 Que nuvens cobrem. Lívido e curvado,  
 Içaíba a meus olhos aparece.  
 Vi-o qual era antes da fria morte;  
 Só a expressão do rosto lhe mudara;  
 Enérgicas não tinha, mas serenas  
 As feições. “*Vem comigo!*”<sup>\*</sup> Assim me fala  
 O extinto bravo; e, súbito estreitando  
 Ao peito o corpo do saudoso amigo,  
 Juntos voamos à região das nuvens.  
 “*Olha!*” disse Içaíba, e o braço alonga  
 Para a terra. Ó guerreiros! largo espaço  
 Era presa de alheio senhorio.  
 Fitei os olhos mais; e pouco a pouco,  
 Como enche o rio e todo o campo alaga,  
 Um as gentes estranhas se estendiam

---

\* Manteve-se a forma *marge* em razão da métrica.

\* Os itálicos são do organizador do texto.

De sertão em sertão. Presas do fogo  
 As matas vi, abrigo do guerreiro,  
 E ao torvo incêndio e às invasões da morte  
 Vi as tribos fugir, ceder a custo,  
 Com lágrimas alguns, todos com sangue,  
 A virgem terra ao bárbaro inimigo.  
 Mau vento os trouxe de remota praia  
 Aqueles homens novos, jamais vistos  
 De guerreiro ancião, a quem não coube  
 Sequer a glória de morrer contente  
 E todo reviver na ousada prole.  
 Era o termo da vida que chegara  
 Ao povo de Tupã! Grito de morte  
 Único enchia os ares — um suspiro  
 De tristeza e terror, que reboava  
 Pelos recessos da floresta antiga  
 E talvez ameigava o peito às feras...  
 Surdos manitôs deixado haviam  
 Os seus fortes heróis; surdos se foram  
 Entre os gênios folgar da raça nova,  
 E rir talvez das lágrimas choradas  
 Pelo olhos das virgens... Oh! se ao menos  
 Fora pranto de livres! Era a morte  
 A menor das angústias; vi curvada  
 E cativa rojar no pó da terra  
 A frente do guerreiro, agora altiva,  
 Livre, como o condor que frecha as nuvens;  
 Não canitar a cinge, mas vergonha,  
 Melancólico adorno do vencido.

\*\*\*

“O rosto desviei do estranho quadro.  
 ‘Olha!’ repete o pálido Içaíba.  
 Olhei de novo, e na saudosa taba,  
 Que os nossos arcs defender souberam,  
 Em vez da sombra do piaga santo,  
 Que, ao som do maracá, colhia as vozes  
 Do pensamento eterno, e as infundia  
 No seio do guerreiro, como o fumo  
 Do petum lhe dobrava ímpeto e força,  
 Um vulto descobri de vestes negras,  
 Nua quase a cabeça, e cor de espuma  
 Alguns cabelos raros. Tinha o rosto  
 Alvo e quieto. Em suas mãos sustinha  
 Extenso lenho com dois curtos braços.  
 Ia só; todo o campo era deserto.  
 Nem um guerreiro! um arco! ‘— *A tribo?*’  
 ‘— Extinta.’

\*\*\*

“A tal palavra, uma pesada sombra  
 A vista me apagou, e pela face  
 Senti rolar a lágrima primeira.

O sinistro espetáculo mudara.  
 Ao dissipar-se a nuvem de meus olhos  
 Achei-me junto do vizinho rio,  
 Reclinado como antes, e defronte  
 A pálida figura de Içaíba.  
 ‘— *Torna à taba*’, me disse o extinto moço;  
 ‘*Luas e luas volverão no espaço*  
*Antes da morte, mas a morte é certa,*  
*E terrível será. Nação bem outra,*  
*Sobre as ruínas da valente raça*  
*Virá sentar-se, e brilhará na terra*  
*Gloriosa e rica. Uma chorada lágrima,*  
*Talvez, talvez, no meio dos triunfos\**  
*Há de ser a tardia, escassa paga*  
*Da morte nossa. Poupa ao menos essa*  
*Derradeira esperança de guardá-lo*  
*Todo o valor para o supremo dia*  
*E com honra ceder a estranhas hostes;*  
*Salva ao menos as últimas relíquias*  
*Desta nação vencida; não se rasguem*  
*Peitos que irmãos ao mesmo sol nasceram*  
*E Anhangá fez contrários<sup>xxii</sup> ...Todos eles*  
*Poucos serão para a tremenda luta,*  
*Mas de sobra hão de ser para chorá-la.’\**

\*\*\*

“Assim falara o pálido Içaíba;  
 Alguns instantes contemplou meu rosto,  
 Calado e firme. A cachoeira ao longe  
 Interrompia apenas o silêncio;  
 E eu morto, eu mesmo me sentia morto.  
 Ele um triste suspiro magoado  
 Soltou do peito; os apagados olhos  
 Às estrelas ergueu, sereno e triste,  
 E de novo rompendo o vôo aos ares,  
 Como uma frecha penetrou nas nuvens.”

---

\* No original consta *do triunfos*.

\* Foram utilizados itálicos para facilitar o entendimento do texto.

## CANTIGA DO ROSTO BRANCO<sup>xxiii</sup>

Rico era o rosto branco; armas trazia,  
E o licor que devora e as finas telas;  
Na gentil Tibeima os olhos pousa,  
E amou a flor das belas.

“Quero-te!” disse à cortesã da aldeia;  
“Quando, junto de ti, teus olhos miro,  
A vista se me turva, as forças perco,  
E quase, e quase expiro.”

E responde a morena requebrando  
Um olhar doce, de cobiça cheio:  
“Deixa em teus lábios imprimir meu nome;  
Aperta-me em teu seio!”

Uma cabana levantaram ambos,  
O rosto branco e a amada flor das belas...  
Mas as riquezas foram-se co’o tempo,  
E as ilusões com elas.

Quando ele empobreceu, a amada moça  
Noutros lábios pousou seus lábios frios,  
E foi ouvir de coração estranho  
Alheios desvarios.

Desta infidelidade o rosto branco  
Triste nova colheu; mas ele amava,  
Inda infieis, aqueles lábios doces,  
E tudo perdoava.

Perdoava-lhe tudo, e inda corria  
A mendigar o grão de porta em porta,  
Com que a moça nutrisse, em cujo peito  
Jazia a afeição morta.

E para si, para afogar a mágoa,  
Se um pouco havia do licor ardente,  
A dor que o devorava e renascia  
Matava lentamente.

Sempre traído, mas amando sempre,  
Ele a razão perdeu; fuge à cabana,  
E vai correr na solidão do bosque  
Uma carreira insana.

O famoso Sachem, ancião da tribo,  
Vendo aquela traição e aquela pena,  
À ingrata filha duramente fala,  
E ríspido a condena.

Em vão! É duro o fruto da papaia,  
Que o lábio do homem acha doce e puro;  
Coração de mulher que já não ama  
Esse é inda mais duro.

Nu qual saíra do materno ventre,  
Olhos cavos, a barba emaranhada,  
O mísero tornou, e ao próprio teto  
Veio pedir pousada.

Volvido se cuidava à flor da infância  
(Tão escuro trazia o pensamento!)  
“Mãe!” exclamava contemplando a moça,  
“Acolhe-me um momento!”

Vinha faminto. Tibeima, entanto,  
Que já de outro guerreiro os dons houvera,  
Sentiu asco daquele que outro tempo  
As riquezas lhe dera.

Fora o lançou; e ele expirou gemendo  
Sobre folhas deitado junto à porta;  
Anos volveram; co'os volvidos anos,  
Tibeima era morta.

Quem ali passa, contemplando os restos  
Da cabana, que a erva toda esconde,  
Que ruínas são essas, interroga.  
E ninguém lhe responde.

## A GONÇALVES DIAS

Ninguém virá, com titubeantes passos,  
E os olhos lacrimosos, procurando  
O meu jazigo...

GONÇALVES DIAS. *Últimos Cantos*.

Tu vive e goza a luz serena e pura.\*

J. BASÍLIO DA GAMA. *Uruguai, c. V.*

Assim vagou por alongados climas,  
E do naufrágio os úmidos vestidos  
Ao calor enxugou de estranhos lares  
O lusitano vate. Acerbas penas  
Curtiu naquelas regiões; e o Ganges,  
Se o viu chorar, não viu pousar calada,  
Como a harpa dos êxules profetas,  
A heróica tuba. Ele a embocou, vencendo  
Co'a lembrança do ninho seu paterno,  
Longas saudades e míseras tantas.  
Que monta o padecer? Um só momento  
As mágoas lhe pagou da vida; a pátria  
Reviu, após a suspirar por ela;  
E a velha terra sua  
O despojo mortal cobriu piedosa  
E de sobejo o compensou de ingratos.

\*\*\*

Mas tu, cantor da América, roubado  
Tão cedo ao nosso orgulho, não te coube  
Na terra em que primeiro houveste o lume  
Do nosso sol, achar o último leito!  
Não te coube dormir no chão amado,  
Onde a luz frouxa da serena lua,  
Por noite silenciosa, entre a folhagem  
Coasse os raios úmidos e frios,  
Com que ela chora os mortos... derradeiras  
Lágrimas certas que terá na campa  
O infeliz que não deixa sobre a terra  
Um coração ao menos que o pranteie.

\*\*\*

Vinha contudo o pálido poeta  
Os desmaiados olhos estendendo  
Pela azul extensão das grandes águas,  
A pesquisar ao longe o esquivo fumo  
Dos pátrios tetos. Na abatida frente

---

\* Citação conforme texto original de Machado de Assis.

Ave da morte as asas lhe roçara;  
 A vida não cobrou nos ares novos,  
 A vida, que em vigílias e trabalhos,  
 Em prol dos seus, gastou por longos anos,  
 Co'essa largueza de ânimo fadado  
 A entornar generoso a vital seiva.  
 Mas, que importava a morte, se era doce  
 Morrê-la à sombra deliciosa e amiga  
 Dos coqueiros da terra, ouvindo acaso  
     No murmurar dos rios,  
 Ou nos suspiros do noturno vento,  
 Um eco melancólico dos cantos  
 Que ele outrora entoara? Traz do exílio  
 Um livro, monumento derradeiro  
 Que à pátria levantou; ali revive  
 Toda a memória do valente povo  
 Dos seus Timbiras...

\*\*\*

Súbito, nas ondas  
 Bate os pés, espumante e desabrido,  
 O corcel da tormenta; o horror da morte  
 Enfia o rosto aos nautas... Quem por ele,  
 Um momento hesitou quando na frágil  
 Tábua confiou a única esperança  
 Da existência? Mistério obscuro é esse  
 Que o mar não revelou. Ali, sozinho,  
 Travou naquela solidão das águas  
 O duelo tremendo, em que a alma e corpo  
 As suas forças últimas despendem  
 Pela vida da terra e pela vida  
 Da eternidade. Quanta imagem torva,  
 Pelo turbado espírito batendo  
 As fuscas asas, lhe tornou mais triste  
 Aquele instante fúnebre! Suave  
 É o arranco final, quando o já frouxo  
 Olhar contempla as lágrimas do afeto,  
 E a cabeça repousa em seio amigo.  
 Nem afetos nem prantos; mas somente  
 A noite, o medo, a solidão e a morte.  
 A alma que ali morava, ingênua e meiga,  
 Naquele corpo exíguo, abandonou-o,  
 Sem ouvir os soluços da tristeza,  
 Nem o grave salmear que fecha aos mortos  
 O frio chão. Ela o deixou, bem como  
 Hóspede mal-aceito e maldormido,  
 Que prossegue a jornada, sem que leve  
 O ósculo da partida, sem que deixe  
 No rosto dos que ficam — rara embora —  
 Uma sombra de pálida saudade.

\*\*\*

Oh! sobre a terra em que pousaste um dia,  
 Alma filha de Deus, ficou teu rasto

Como de estrela que perpétua fulge!  
 Não viste as nossas lágrimas; contudo  
 O coração da pátria as há vertido.  
 Tua glória as secou, bem como orvalho  
 Que a noite amiga derramou nas flores  
 E o raio enxuga da nascente aurora.  
 Na mansão a que foste, em que ora vives,  
 Hás de escutar um eco do concerto  
 Das vozes nossas. Ouvirás, entre elas,  
 Talvez, em lábios de indiana virgem!  
 Esta saudosa e suspirada nênia:

\*\*\*

“Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros!  
 Virgens da mata, suspirai comigo!

A grande água o levou como invejosa.  
 Nenhum pé trilhará seu derradeiro  
 Fúnebre leito; ele repousa eterno  
 Em sítio onde nem olhos de valentes,  
 Nem mãos de virgens poderão tocar-lhes  
 Os frios restos. Sabiá-da-praia  
 De longe o chamará saudoso e meigo,  
 Sem que ele venha repetir-lhe o canto.  
 Morto, é morto o cantor de meus guerreiros!  
 Virgens da mata, suspirai comigo!

\*\*\*

Ele houvera do Ibaque o dom supremo  
 De modular nas vozes a ternura,  
 A cólera, o valor, tristeza e mágoa,  
 E repetir aos namorados ecos  
 Quanto vive e reluz no pensamento.  
 Sobre a margem das águas escondidas,  
 Virgem nenhuma suspirou mais terna,  
 Nem mais válida a voz ergueu na taba,  
 Suas nobres ações cantando aos ventos,  
 O guerreiro tamoio. Doce e forte,  
 Brotava-lhe do peito a alma divina.  
 Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros!  
 Virgens da mata, suspirai comigo!

\*\*\*

Coema, a doce amada de Itajubá,  
 Coema não morreu; a folha agreste  
 Pode em ramas ornar-lhe a sepultura,  
 E triste o vento suspirar-lhe em torno;  
 Ela perdura a virgem dos Timbiras,  
 Ela vive entre nós. Airosa e linda,  
 Sua nobre figura adorna as festas  
 E enflora os sonhos dos valentes. Ele,  
 O famoso cantor quebrou da morte

O eterno jugo; e a filha da floresta  
Há de a história guardar das velhas tabas  
Inda depois das últimas ruínas.  
Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros!  
Virgens da mata, suspirai comigo!

\*\*\*

O piaga, que foge a estranhos olhos,  
E vive e morre na floresta escura,  
Repita o nome do cantor; nas águas  
Que o rio leva ao mar, mande-lhe ao menos  
Uma sentida lágrima, arrancada  
Do coração que ele tocara outrora,  
Quando o ouviu palpitar sereno e puro,  
E na voz celebrou de eternos carmes.  
Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros!  
Virgens da mata, suspirai comigo!”

## OS SEMEADORES<sup>xxiv</sup>

( Século XVI)

Eis aí saiu o que semeia a semear.  
MATH. XIII, 3

Vós os que hoje colheis, por esses campos largos,  
O doce fruto e a flor,  
Acaso esqueceréis os ásperos e amargos  
Tempos do sementeiro?

Rude era o chão; agreste e longo aquele dia;  
Contudo, esses heróis  
Souberam resistir na afanosa porfia  
Aos temporais e aos sóis.

Poucos; mas a vontade os poucos multiplica,  
E a fé, e as orações  
Fizeram transformar a terra pobre em rica  
E os centos em milhões.

Nem somente o labor, mas o perigo, a fome,  
O frio, a descalçêz,  
O morrer cada dia uma morte sem nome,  
O morrer-la, talvez,

Entre bárbaras mãos, como se fora crime,  
Como se fora réu  
Quem lhe ensinara aquela ação pura e sublime  
De as levantar ao céu!

Ó Paulos do sertão! Que dia e que batalha!  
Venceste-a; e podeis  
Entre as dobras dormir da secular mortalha;  
Vivereis, vivereis!

## A FLOR DO EMBIRUÇU

Noite, melhor que o dia, quem não te ama?  
FILINTO ELYSIO.

Quando a noturna sombra envolve a terra  
E à paz convida o lavrador cansado,  
À fresca brisa o seio delicado  
A branca flor do embiruçu descerra.

E das límpidas lágrimas que chora  
A noite amiga, ela recolhe alguma;  
A vida bebe na ligeira bruma,  
Até que rompe no horizonte a aurora.

Então, à luz nascente, a flor modesta,  
Quando tudo o que vive alma recobra,  
Languidamente as suas folhas dobra,  
E busca o sono quando tudo é festa.

Suave imagem da alma que suspira  
E odeia a turba vã! da alma que sente  
Agitar-se-lhe a asa impaciente  
E a novos mundos transportar-se aspira!

Também ela ama as horas silenciosas,  
E quando a vida as lutas interrompe,  
Ela da carne os duros elos rompe,  
E entrega o seio às ilusões viçosas.

É tudo seu — tempo, fortuna, espaço,  
E o céu azul e os seus milhões de estrelas;  
Abrasada de amor, palpita ao vê-las,  
E a todas cinge no ideal abraço.

O rosto não encara indiferente,  
Nem a traidora mão cândida aberta;  
Das mentiras da vida se liberta  
E entra no mundo que jamais não mente.

Noite, melhor que o dia; quem não te ama?  
Labor ingrato, agitação, fadiga,  
Tudo faz esquecer tua asa amiga  
Que a alma nos leva onde a ventura a chama.

Ama-te a flor que desabrocha à hora  
Em que o último olhar o sol lhe estende,  
Vive, embala-se, orvalha-se, recende,  
E as folhas cerra quando rompe a aurora.

## LUA NOVA<sup>xxv</sup>

Mãe dos frutos, Jaci, no alto espaço  
 Ei-la assoma serena e indecisa:  
 Sopro é dela esta lânguida brisa  
 Que sussurra na terra e no mar.  
 Não se mira nas águas do rio,  
 Nem as ervas do campo branqueia;  
 Vaga e incerta ela vem, como a idéia  
 Que inda apenas começa a espontar.

E iam todos; guerreiros, donzelas,  
 Velhos, moços, as redes deixavam;  
 Rudes gritos na aldeia soavam,  
 Vivos olhos fugiam p'ra o céu:  
 Iam vê-la, Jaci, mãe dos frutos,  
 Que, entre um grupo de brancas estrelas,  
 Mal cintila: nem pôde vencê-las,  
 Que inda o rosto lhe cobre amplo véu.

\*\*\*

E um guerreiro: “Jaci, doce amada,  
 Retempera-me as forças; não veja  
 Olho adverso, na dura peleja,  
 Este braço já frouxo cair.  
 Vibre a seta, que ao longe derruba  
 Tajaçu, que roncando caminha;  
 Nem lhe escape serpente daninha,  
 Nem lhe fuja pesado tapir.”

\*\*\*

E uma virgem: “Jaci, doce amada,  
 Dobra os galhos, carrega esses ramos  
 Do arvoredo co'as frutas\* que damos  
 Aos valentes guerreiros, que eu vou  
 A buscá-los na mata sombria,  
 Por trazê-los ao moço prudente,  
 Que venceu tanta guerra valente,  
 E estes olhos consigo levou.”

\*\*\*

E um ancião, que a saudara já muitos,  
 Muitos dias: “Jaci, doce amada,  
 Dá que seja mais longa a jornada,  
 Dá que eu possa saudar-te o nascer,  
 Quando o filho do filho, que hei visto  
 Triunfar de inimigo execrando,  
 Possa as pontas de um arco dobrando

---

\* No texto original consta *co'as frutos*, sem errata.

Contra os arcos contrários vencer.”

\*\*\*

E eles riam os fortes guerreiros,  
E as donzelas e esposas cantavam,  
E eram risos que d'alma brotavam,  
E eram cantos de paz e de amor.  
Rude peito criado nas brenhas,  
— Rude embora — terreno é propício;  
Que onde o gérmen lançou benefício  
Brota, enfolha, verdeja, abre em flor.

## SABINA

Sabina era mucama da fazenda;  
 Vinte anos tinha; e na província toda  
 Não havia mestiça mais à moda,  
 Com suas roupas de cambraia e renda.

Cativa, não entrava na senzala,  
 Nem tinha mãos para trabalho rude;  
 Desbrochava-lhe a sua juventude  
 Entre carinhos e afeições de sala.

Era cria da casa. A sinhá-moça,  
 Que com ela brincou sendo menina,  
 Sobre todas amava esta Sabina,  
 Com\* esse ingênuo e puro amor da roça.

Dizem que à noite, a suspirar na cama,  
 Pensa nela o feitor; dizem que um dia,  
 Um hóspede que ali passado havia,  
 Pôs um cordão no colo da mucama.

Mas que vale uma jóia no pescoço?  
 Não pôde haver o coração da bela.  
 Se alguém lhe acende os olhos de gazela,  
 É pessoa maior: é o senhor moço.

\*\*\*

Ora, Otávio cursava a Academia.  
 Era um lindo rapaz; a mesma idade  
 Co'as passageiras flores o adornava  
 De cujo extinto aroma inda a memória  
 Vive na tarde pálida do outono.  
 Oh! vinte anos! Ó pombas fugitivas  
 Da primeira estação, porque tão cedo  
 Voais de nós? Pudesse ao menos a alma  
 Guardar consigo as ilusões primeiras,  
 Virgindade sem preço, que não paga  
 Essa descolorida, árida e seca  
 Experiência do homem!

\*\*\*

Vinte anos  
 Tinha Otávio, e a beleza e um ar de côrte\*  
 E o gesto nobre, e sedutor o aspecto;  
 Um vero Adônis, como aqui diria  
 Algum poeta clássico, daquela  
 Poesia que foi nobre, airoso e grande  
 Em tempos idos, que ainda bem se foram...

---

\* Corrigido pelo autor na errata. No texto consta *Como*.

\* Mantivemos a acentuação do autor apenas para caracterizar a pronúncia fechada da vogal.

Também eu a adorei, uma hora ao menos,  
 E suspirei destes remotos climas  
 Pelas formosas ribas do Escamandro,  
 Onde descia, entre soldados gregos,  
 A moça Vênus; frívolo suspiro  
 Que não pode acordar dos seus sepulcros  
 Esses numes brincões da velha idade,  
 Mortos por seus pecados — que os tiveram,  
 E por sossego nosso. Eram amáveis  
 E belos no seu tempo; hoje fariam  
 Igual papel ao do tardio máscara  
 Que, ao desdobrar a aurora os panos de ouro,  
 Entre madrugadores se aventura.

\*\*\*

Cursava a Academia o moço Otávio;  
 Ia no ano terceiro: não remoto  
 Via desenrolar-se o pergaminho,  
 Prêmio de seus labores e fadigas;  
 E uma vez bacharel, via mais longe  
 Os curvos braços da feliz cadeira  
 Onde o legislador a rédea empunha  
 Dos lépidos frisões do Estado. Entanto,  
 Sobre os livros de estudo, gota a gota  
 As horas despendia, e trabalhava  
 Por meter na cabeça o jus romano  
 E o pátrio jus. Nas suspiradas férias  
 Volvia ao lar paterno; ali no dorso  
 De brioso corcel corria os campos,  
 Ou, arma ao ombro, polvorinho ao lado,  
 À caça dos veados e cotias,  
 Ia matando o tempo. Algumas vezes  
 Com o padre vigário se entretinha  
 Em desfiar um ponto de intrincada  
 Filosofia, que o senhor de engenho,  
 Feliz pai, escutava glorioso,  
 Como a rever-se no brilhante aspecto  
 Do\* suas ricas esperanças.

\*\*\*

Era

Manhã de estio; erguera-se do leito  
 Otávio; em quatro sorvos toda esgota  
 A taça de café. Chapéu de palha,  
 E arma ao ombro, lá foi terreiro fora,  
 Passarilhar no mato. Ia costeando  
 O arvoredo que além beirava o rio,  
 A passo curto, e o pensamento à larga,  
 Como leve andorinha que saísse  
 Do ninho, a respirar o hausto primeiro  
 Da manhã. Pela aberta da folhagem,  
 Que ainda não doura o sol, uma figura

---

\* A forma provável da preposição é *de*. Manteve-se conforme registra o original.

Deliciosa, um busto sobre as ondas  
 Suspende o caçador. Mãe d'água fora,  
 Talvez, se a cor de seus quebrados olhos  
 Imitasse a do céu: se a tez morena,  
 Morena como a esposa dos Cantares,  
 Alva tivesse; e raios de ouro fossem  
 Os cabelos da cor da noite escura,  
 Que ali soltos e úmidos lhe caem,  
 Como um véu sobre o colo. Trigueirinha,  
 Cabelo negro, os largos olhos brandos  
 Cor de jabuticaba, quem seria,  
 Quem, senão a mucama da fazenda,  
 Sabina, enfim? Logo a conhece Otávio,  
 E nela os olhos espantados fita  
 Que desejos acendem. — Mal cuidando  
 Daquele estranho curioso, a virgem  
 Com os ligeiros braços rompe as águas,  
 E ora toda se esconde, ora ergue o busto,  
 Talhado pela mão da natureza  
 Sobre o modelo clássico. Na oposta  
 Riba suspira um passarinho; e o canto,  
 E a meia luz, e o sussurrar das águas,  
 E aquela fada ali, tão doce vida  
 Davam ao quadro, que o ardente aluno  
 Trocara por aquilo, uma hora ao menos,  
 A Faculdade, o pergaminho e o resto.

\*\*\*

Súbito erige o corpo a ingênua virgem;  
 Com as mãos, os cabelos sobre a espádua  
 Deita, e rasgando lentamente as ondas,  
 Para a margem caminha, tão serena,  
 Tão livre como quem de estranhos olhos  
 Não suspeita a cobiça... Véu da noite,  
 Se lhos cobrira, dissipara acaso  
 Uma história de lágrimas. Não pode  
 Furtar-se Otávio à comoção que o toma;  
 A clavina que a esquerda mal sustenta  
 No chão lhe cai; e o baque surdo acorda  
 A descuidada nadadora. Às ondas  
 A virgem torna. Rompe Otávio o espaço  
 Que os divide; e de pé, na fina areia,  
 Que o mole rio lambe, ereto e firme,  
 Todo se lhe descobre. Um grito apenas  
 Um só grito, mas único, lhe rompe  
 Do coração; terror, vergonha... e acaso  
 Prazer, prazer misterioso e vivo  
 De cativa que amou silenciosa,  
 E que ama e vê o objeto de seus sonhos,  
 Ali com ela, a suspirar por ela.

\*\*\*

“Flor da roça nascida ao pé do rio,  
 Otávio começou — talvez mais bela

Que essas belezas cultas da cidade,  
 Tão cobertas de jóias e de sedas,  
 Oh! não me negues teu suave aroma!  
 Fez-te cativa o berço; a lei somente  
 Os grilhões te lançou; no livre peito  
 De teus senhores tens a liberdade,  
 A melhor liberdade, o puro afeto  
 Que te elegeu entre as demais cativas,  
 E de afagos te cobre! Flor do mato,  
 Mais viçosa do que essas outras flores  
 Nas estufas criadas e nas salas,  
 Rosa agreste nascida ao pé do rio  
 Oh! não me negues teu suave aroma!”

\*\*\*

Disse, e da riba os cobiçosos olhos  
 Pelas águas estende, enquanto os dela,  
 Cobertos pelas pálpebras medrosas  
 Choram — de gosto e de vergonha a um tempo,  
 Duas únicas lágrimas. O rio  
 No seio as recebeu; consigo as leva,  
 Como gotas de chuva, indiferente  
 Ao mal ou bem que lhe povoa a margem;  
 Que assim a natureza, ingênua e dócil  
 Às leis do Criador, perpétua segue  
 Em seu mesmo caminho, e deixa ao homem  
 Padecer e saber que sente e morre.

\*\*\*

Pela azulada esfera inda três vezes  
 A aurora as flores derramou, e a noite  
 Vezes três a mantilha escura e larga  
 Misteriosa cingiu. Na quarta aurora,  
 Anjo das virgens, anjo de asas brancas,  
 Pudor, onde te foste? A alva capela,  
 Murcha e desfeita pelo chão lançada,  
 Coberta a face do rubor do pejo,  
 Os olhos com as mãos velando, alçaste  
 Para a Eterna Pureza o eterno vôo.

\*\*\*

Quem ao tempo cortar pudera as asas  
 Se deleitoso voa? Quem pudera  
 Suster a hora abençoada e curta  
 Da ventura que foge, e sobre a terra  
 O gozo transportar da eternidade?  
 Sabina viu correr tecidos de ouro  
 Aqueles dias únicos na vida  
 Toda enlevo e paixão, sincera e ardente  
 Nesse primeiro amor d’alma que nasce  
 E os olhos abre ao sol. Tu lhe dormias,  
 Consciência; razão, tu lhe fechavas  
 A vista interior; e ela seguia

Ao sabor dessas horas mal furtadas  
 Ao cativo e à solidão, sem vê-lo  
 O fundo abismo tenebroso e largo  
 Que a separa do eleito de seus sonhos,  
 Nem pressentir a brevidade e a morte!

\*\*\*

E com que olhos de pena e de saudade  
 Viu ir-se um dia pela estrada fora  
 Otávio! Aos livros torna o moço aluno,  
 Não cabisbaixo e triste, mas sereno  
 E lépido. Com ela a alma não fica  
 De seu jovem senhor. Lágrima pura,  
 Muito embora de escrava, pela face  
 Lentamente lhe rola, e lentamente  
 Toda se esvai num pálido sorriso  
 De mãe,

\*\*\*

Sabina é mãe; o sangue livre  
 Gira e palpita no cativo seio  
 E lhe paga de sobra as dores cruas  
 Da longa ausência. Uma por uma, as horas  
 Na solidão do campo há de contá-las,  
 E suspirar pelo remoto dia  
 Em que o veja de novo... Pouco importa,  
 Se o materno sentir compensa os males.

\*\*\*

Riem-se dela as outras; é seu nome  
 O assunto do terreiro. Uma invejosa  
 Acha-lhe uns certos modos singulares  
 De senhora de engenho; um pajem moço,  
 De cobiça e ciúme devorado,  
 Desfaz nas graças que em silêncio adora  
 E consigo medita uma vingança.  
 Entre os parceiros, desfiando a palha  
 Com que entrança um chapéu, solenemente  
 Um Caçanje ancião refere aos outros  
 Alguns casos que viu na mocidade  
 De cativas amadas e orgulhosas,  
 Castigadas do céu por seus pecados,  
 Mortas entre os grilhões do cativo.

\*\*\*

Assim falavam eles; tal o aresto  
 Da opinião. Quem evitá-lo pode  
 Entre os seus, por mais baixo que a fortuna  
 Haja tecido o berço? Assim falavam  
 Os cativos do engenho; e porventura  
 Sabina o soube e o perdoou.

\*\*\*

Volveram

Após os dias da saudade os dias  
 Da esperança. Ora, quis fortuna adversa  
 Que o coração do moço, tão volúvel  
 Como a brisa que passa ou como as ondas,  
 Nos cabelos castanhos se prendesse  
 Da donzela gentil, com quem atara  
 O laço conjugal: uma beleza  
 Pura, como o primeiro olhar da vida,  
 Uma flor desbrochada em seus quinze anos,  
 Que o moço viu num dos serões da corte  
 E cativo adorou. Que há de fazer-lhes  
 Agora o pai? Abençoar os noivos  
 E ao regaço trazê-los da família.

\*\*\*

Oh longa foi, longa e ruidosa a festa  
 Da fazenda, por onde alegre entrara  
 O moço Otávio conduzindo a esposa.  
 Viu-os chegar Sabina, os olhos secos  
 Atônita e pasmada. Breve o instante  
 Da vista foi. Rápido fuge. A noite  
 A seu trêmulo pé não tolhe a marcha;  
 Voa, não corre ao malfadado rio,  
 Onde a voz escutou do amado moço.  
 Ali chegando: "Morrerá comigo  
 O fruto de meu seio; a luz da terra  
 Seus olhos não verão; nem ar da vida  
 Há de aspirar..."

\*\*\*

Ia a cair nas águas,  
 Quando súbito horror lhe toma o corpo;  
 Gelado o sangue e trêmula recua,  
 Vacila e tomba sobre a relva. A morte  
 Em vão a chama e lhe fascina a vista;  
 Vence o instinto de mãe. Erma e calada  
 Ali ficou. Viu-a jazer a lua  
 Largo espaço da noite ao pé das águas,  
 E ouviu-lhe o vento os trêmulos suspiros;  
 Nenhum deles, contudo, o disse à aurora.

## ÚLTIMA JORNADA<sup>xxvi</sup>

Ils croient les âmes éternelles, et celles qui ont bien mérité des dieux estre logees à l'endroit du ciel où le soleil se leve; les maudictes, du costé de l'occident.

MONTAIGNE, *Essais*, liv, I c. XXX

### I

E ela se foi nesse clarão primeiro,  
Aquele esposa mísera e ditosa;  
E ele se foi o pérfido guerreiro.

Ela serena ia subindo e airosa,  
Ele à força de incógnitos pesares  
Dobra a cerviz rebelde e lutuosa.

Iam assim, iam cortando os ares,  
Deixando em baixo as férteis\* campinas,  
E as florestas, e os rios e os palmares.

Oh! cândidas lembranças infantinas!  
Oh! vida alegre da primeira taba!  
Que aurora vos tomou, aves divinas?

Como um tronco do mato que desaba,  
Tudo caiu; lei bárbara e funesta:  
O mesmo instante cria e o mesmo acaba.

De esperanças tamanhas o que resta?  
Uma história, uma lágrima chorada  
Sobre as últimas ramas da floresta.

A flor do ipê a viu brotar magoada,  
E talvez a guardou no seio amigo,  
Como lembrança da estação passada.

Agora os dois, deixando o bosque antigo,  
E as campinas, e os rios e os palmares,  
Para subir ao derradeiro abrigo,  
Iam cortando lentamente os ares.

### II

E ele clamava à moça que ascendia:  
“— Oh! tu que a doce luz eterna levas,  
E vás viver na região do dia,

Vê como rasgam bárbaras e sevas  
As tristezas mortais ao que se afunda

---

\* Foi mantida a forma *fértilis* e não *férteis* em razão da métrica.

Quase na fria região das trevas!

Olha esse sol que a criação inunda!  
Oh quanta luz, oh quanta doce vida  
Deixar-me vai na escuridão profunda!

Tu ao menos perdoa-me, querida!  
Suave esposa, que eu ganhei roubando,  
Perdida agora para mim, perdida!

Ao maldito na morte, ao miserando,  
Que mais lhe resta em sua noite impura?  
Sequer alívio ao coração nefando.

Nos olhos trago a tua morte escura.  
Foi meu ódio cruel que há decepado,  
Ainda em flor, a tua formosura.

Mensageiro de paz, era enviado  
Um dia à taba de teus pais, um dia  
Que melhor fora se não fora nado.

Ali te vi; ali, entre a alegria  
De teus fortes guerreiros e donzelas,  
Teu doce rosto para mim sorria.

A mais bela eras tu entre as mais belas,  
Como no céu a criadora lua  
Vence na luz as vividas estrelas.

Gentil nasceste por desgraça tua;  
Eu covarde nasci; tu me seguiste;  
E ardeu a guerra desabrida e crua.

Um dia o rosto carregado e triste  
À taba de teus pais volveste, o rosto  
Com que alegre e feliz dali fugiste.

Tinha expirado o passageiro gosto,  
Ou o sangue dos teus, correndo a fio,  
Em teu seio outro afeto havia posto.

Mas, ou fosse remorso, ou já fastio,  
Ias-te agora leve e descuidada,  
Como folha que o vento entrega ao rio.

Oh! corça minha fugitiva e amada!  
Anhangá te guiou por mau caminho,  
E a morte pôs na minha mão fechada.

Feriu-me da vingança agudo espinho;  
E fiz-te padecer tão cruas penas,  
Que inda me dói o coração mesquinho.

Ao contemplar aquelas tristes cenas,

As aves, de piedosas e sentidas,  
Chorando foram sacudindo as penas.

Não viu o cedro ali correr perdidas  
Lágrimas de materno amado seio;  
Viu somente morrer a flor das vidas.

O que mais houve da floresta em meio  
O sinistro espetáculo, de certo  
Nenhum estranho contemplá-lo veio.

Mas, se alguém penetrasse no deserto  
Vira cair pesadamente a massa  
Do corpo do guerreiro; e o crânio aberto,

Como se fora derramada taça,  
Pela terra jazer, ali chamando  
O feio grasno do urubu que passa.

Em vão a arma do golpe irão buscando,  
Nenhuma houve; nem guerreiro ousado  
A tua morte ali foi castigando

Talvez, talvez Tupã, desconsolado,  
A pena contemplou maior do que era  
O delito; e de cólera tomado,

Ao mais alto dos Andes estendera  
O forte braço, e da árvore mais forte  
A seta e o arco vingador colhera;

As pontas lhe dobrou, da mesma sorte  
Que o junco dobra, sussurrando o vento,  
E de um só tiro lhe enviou a morte.”

Ia assim suspirando este lamento,  
Quando subitamente a voz lhe cala,  
Como se a dor lhe sufocara o alento.

No ar se perdera a lastimosa fala,  
E o infeliz, condenado à noite escura,  
Os dentes range e treme de encontrá-la.

Leva os olhos na viva aurora pura  
Em que vê penetrar, já longe, aquela  
Doce, mimosa, virginal figura.

Assim no campo a tímida gazela  
Foge e se perde; assim no azul dos mares  
Some-se e morre fugidia vela.

E nada mais se viu flutuar nos ares;  
Que ele, bebendo as lágrimas que chora,  
Na noite entrou dos imortais pesares,  
E ela de todo mergulhou na aurora.

## OS ORIZES<sup>xxvii</sup>

( FRAGMENTO)

### I

Nunca as armas cristãs, nem do Evangelho  
 O lume criador, nem frecha estranha  
 O vale penetraram dos guerreiros  
 Que, entre serros altíssimos sentado,  
 Orgulhoso descansa. Único o vento,  
 Quando as asas desprega impetuoso,  
 Os campos varre e as selvas estremece,  
 Um pouco leva, ao recatado asilo,  
 Da poeira da terra. Acaso o raio  
 Alguma vez nos ásperos penedos,  
 Com fogo escreve a assolação e o susto.  
 Mas olhos de homem, não; mas braço afeito  
 A pleitear na guerra, a abrir ousado  
 Caminho entre a espessura da floresta,  
 Não afrontara nunca os atrevidos  
 Muros que a natureza a pino erguera  
 Como eterna atalaia.

### II

Um povo indócil  
 Nessas brenhas achou ditosa pátria,  
 Livre, como o rebelde pensamento  
 Que ímpia força não doma, e airoso volve  
 Inteiro à eternidade. Guerra longa  
 E porfiosa os adestrou nas armas;  
 Rudes são nos costumes mais que quantos  
 Há criado este sol, quantos na guerra  
 O tacape meneiam vigoroso.  
 Só nas festas de plumas se ataviam  
 Ou na pele do tigre o corpo envolvem,  
 Que o sol queimou, que a rispidez do inverno  
 Endureceu como os robustos troncos  
 Que só verga o tufão. Tecer não usam  
 A preguiçosa rede em que se embale  
 O corpo fatigado do guerreiro,  
 Nem as tabas erguer como outros povos;  
 Mas à sombra das árvores antigas,  
 Ou nas medonhas cavas dos rochedos,  
 No duro chão, sobre mofinas ervas,  
 Acham sono de paz, jamais tolhido  
 De ambições, de remorsos. Indomável  
 Essa terra não é; pronto lhes volve  
 O semeado pão; vicejam flores  
 Com que a rudez tempera a extensa mata,  
 E o fruto pende dos curvados ramos  
 Do arvoredado. Harta messe do homem rude,

Que tem na ponta da farpada seta  
 O pesado tapir, que lhes não foge,  
 Nhandu, que à flor de terra inquieta voa,  
 Sobejo pasto, e deleitoso e puro  
 Da selvagem nação. Nunca vaidade  
 De seu nome souberam, mas a força,  
 Mas a destreza do provado braço  
 Os foros são do império a que hão sujeito  
 Todo aquele sertão. Murmuram longe,  
 Contra eles, as gentes debeladas  
 Vingança e ódio. Os ecos repetiram  
 Muita vez a pocema de combate;  
 Nuvens e nuvens de afiadas setas  
 Todo o ar cobriram; mas o extremo grito  
 Da vitória final só deles fora.

### III

Despem armas de guerra; a paz os chama  
 E o seu bárbaro rito. Alveja perto  
 O dia em que primeiro a voz levante  
 A ave sagrada, o nume de seus bosques,  
 Que de agouro chamamos, Cupuaba  
 Melancólica e feia, mas ditosa  
 E benéfica entre eles.<sup>xxviii</sup> Não se curvam  
 Ao nome de Tupã, que a noite e o dia  
 No céu reparte, e ao ríspido guerreiro  
 Guarda os sonhos do Ibaque e eternas danças.  
 Seu deus único é ela, a benfazeja  
 Ave amada, que os campos despovoa  
 Das venenosas serpes — viva imagem  
 Do tempo vingador, lento e seguro,  
 Que as calúnias, a inveja e o ódio apagam,  
 E ao conspurcado nome o alvor primeiro  
 Restitui. Uso é deles celebrar-lhe  
 Com festas o primeiro e o extremo canto.

### IV

Terminara o cruento sacrifício.  
 Ensopa o chão da dilatada selva  
 Sangue de caítitus, que o pio intento  
 Largos meses cevou; bárbara usança  
 Também de alheios climas. As donzelas,  
 Mal saídas da infância, inda embebidas  
 Nos ledos jogos de primeira idade,  
 Ao brutal sacrifício... Oh! cala, esconde,  
 Lábio cristão, mais bárbaro costume.

### V

Agora a dança, agora alegresinhos,  
Três dias há que de inimigos povos  
Esquecidos os trazem. Sobre um tronco  
Sentado o chefe, carregado o rosto,  
Inquieto o olhar, o gesto pensativo,  
Como alheio ao prazer, de quando em quando  
À multidão dos seus a vista alonga,  
E um rugido no peito lhe murmura.  
Quem a fronte enrugara do guerreiro?  
Inimigo não foi, que o medo nunca  
O sangue lhe esfriou, nem vão receio  
Da batalha futura o desenlace  
Lhe fez incerto. Intrépidos como ele  
Poucos vira este céu. Seu forte braço,  
Quando vibra o tacape nas pelejas,  
De rasgados cadáveres o campo  
Inteiro alastra, e ao peito do inimigo,  
Como um grito de morte a voz lhe soa.  
Nem só nas gentes o terror infunde;  
É fama que em seus olhos cor da noite,  
Inda criança, um gênio lhe deixara  
Misteriosa luz, que as forças quebra  
Da onça e do jaguar. Certo é que um dia  
(A tribo o conta, e seus pajés o juram)  
Um dia em que, do filho acompanhado,  
Ia costeando a orla da floresta,  
Um possante jaguar, escancarando  
A boca, em frente do famoso chefe  
Estacara. De longe um grito surdo  
Solta o jovem guerreiro; logo a seta  
Embebe no arco, e o tiro sibilante  
Ia já disparar, quando de assombro  
A mão lhe afrouxa a distendida corda.  
A fera o colo tímida abatera,  
Sem ousar despregar os fulvos olhos  
Dos olhos do inimigo. Ureth ousado  
Arco e frechas atira para longe,  
A massa empunha, e lento, e lento avança;  
Três vezes volteando a arma terrível,  
Enfim despede o golpe; um grito apenas.  
Único atoa o solitário campo,  
E a fera jaz, e o vencedor sobre ela.

---

## NOTAS

(No original, o autor usou letras e não números, para marcar as notas)

i Simão de Vasconcelos não declara o nome da índia, cuja ação refere em sua *Chronica*.

Achei que não foi o caso desta tamoia o único em que tão galhardamente se manifestou a fidelidade conjugal e cristã.

O padre Anchieta, na carta escrita ao padre-mestre Lainez, a 16 de abril de 1563, menciona o exemplo de uma índia, mulher de um colono, a qual, depois de lho matarem os índios, caiu em poder destes, cujo Principal a quis violentar. Ela resistiu e desapareceu. Os índios fizeram correr a voz de que se matara; Anchieta supõe que eles mesmos lhe tiraram a vida. Caso análogo é referido pelo padre João Daniel (*Tesouro descoberto no Amazonas*, p. 2<sup>a</sup>, cap. III); essa chamava-se Esperança e era da aldeia de Cabu.

ii A vila de S. Vicente.

iii Tinham os índios a religião monoteísta que a tradição lhes atribui? Nega-o positivamente o Sr. Dr. Couto de Magalhães em seu excelente estudo acerca dos selvagens, asseverando nunca ter encontrado a palavra *Tupã* nas tribos que freqüentou, e ser inadmissível a idéia de tal deus, no estado rudimentário dos nossos aborígenes.

O Sr. Dr. Magalhães restitui aos selvagens a teogonia verdadeira. Não integralmente, mas só em relação ao sol e à lua (*Coaraci e Jaci*), acho notícia dela no *Tesouro* do padre João Daniel (citado na nota 1); e o que então faziam os índios, quando aparecia a lua nova, me serviu à composição que vai incluída neste livro (pag. 58)

Sem embargo das razões alegadas pelo Sr. Dr. Magalhães, que todas são de incontestável procedência, conservei *Tupã* nos versos que ora dou a lume; fi-lo por ir com as tradições literárias que achei, tradições que nada valem no terreno da investigação científica, mas que têm por si o serem aceitas e haverem adquirido um como direito de cidade.

iv É ocioso explicar em notas o sentido desta palavra e de outras, como *pocema*, *muçurana*, *tangapema*, *canitar*, com as quais todo leitor brasileiro está já familiarizado, graças ao uso que delas têm feito poetas e prosadores. É também desnecessário fundamentar com trechos das crônicas a cena do sacrifício do prisioneiro, na estância XI; são coisas comezinhas.

v Simão de Vasconcelos (*Not. Do Brasil*. Liv 2<sup>o</sup>) citando Marcgraff e outros autores, conta, como verdadeira, a fábula a que aludem estes versos. Aproveitou-se dali uma comparação poética: nada mais.

vi Veja G. Dias, *Últimos cantos*, pág 159:

...Quanto o meu corpo  
À terra, mãe comum...

vii *Anagê*, na língua geral, quer dizer gavião.

viii Não sabido, ainda hoje o digo sem armar à contestação dos benévolos. Mas havia uma razão para mais escrever aquelas palavras quando compus este pequeno poema; destinava-o à publicação anônima, o que se verificou nas colunas do *Jornal do Commercio* em junho e agosto de 1870, tendo por assinatura um simples Y.

ix Tratando de descobrir a significação de *Panenioxé*, conforme escreve Rodrigues Prado, apenas achei no escasso vocabulário gnaicuru, que vem de Aires do Casal, a palavra *nioxé* traduzida por jacaré. Não pude acertar com a significação do primeiro membro da palavra, *pane*; há talvez relação entre ele e o nome do rio Ipané.

---

x “Estas duas armas (lança e facão) têm sido tomadas aos portugueses e espanhóis, e algumas compradas a estes que inadvertidamente lhas têm vendido” (RODRIGUES PRADO, *História dos Índios Cavaleiros*.)

xi Nanine é o nome transcrito na *História dos Índios Cavaleiros*. Na língua geral temos *niaani*, que Martius traduz por *infans*. Esta forma pareceu mais graciosa; e não duvidei adotá-la, desde que o meu distinto amigo, Dr. Escragnolle Taunay, me asseverou que, no dialeto guaicuru, de que ele há feito estudos, *niani* exprime a idéia de *moça franzina, delicada*, não lhe parecendo que exista a forma empregada na monografia de Rodrigues Prado.

xii Os Guaicurus dividem-se em nobres, plebeus ou soldados, e cativos. Do próprio texto que me serviu para esta composição se vê até que ponto repugna aos nobres toda a aliança com pessoas de condição inferior.

A este propósito direi a anedota que me foi referida por um distinto oficial de nossa armada, o capitão-de-fragata Sr. Henrique Batista, que em 1857 esteve no Paraguai comandando o *Japorá*, entre o forte Coimbra e o estabelecimento Sebastopol. Ia muita vez a bordo do *Japorá* um chefe guaicuru, Capitãozinho, muito amigo da nossa oficialidade. Tinha ele uma irmã, que outro chefe guaicuru, Lapagata, cortejava e desejava receber por esposa. Lapagata recebera o título de capitão das mãos do presidente de Mato-Grosso. Opunha-se com todas as forças ao enlace o Capitãozinho. Um dia, perguntando-lhe o Sr. H. Batista porque motivo não consentia no casamento da irmã com Lapagata, respondeu o altivo Guaicuru:

— Oponho-me, porque eu sou capitão por herança de meu pai, que já o era por herança do pai dele. Lapagata é capitão de papel.

xiii As bocaiúvas servem de alimento aos Guaicurus; nas proximidades de sazouarem os cocos fazem eles grandes festas. (Veja CASAL e PRADO.)

xiv Tais eram os adornos das mulheres guaicurus (Veja PRADO, CASAL e D’AZARA.)

xv “As moças ricas vão enfeitadas, como se ornariam para o próprio noivado.” (AIRES DO CASAL, *Corog.*, 280.)

xvi Cédron, como se sabe, é o nome da torrente que atravessa o vale de Josafá. Lê-se em Chateaubriand que durante uma parte do ano fica seca; por ocasião de temporais ou nas primaveras chuvosas rola umas águas avermelhadas.

xvii Alude a um trecho do profeta Daniel:

<sup>9</sup> – *E lavei-te na água, e alimpei-te do teu sangue, e te ungi com óleo.*

<sup>13</sup> – *E foste enfeitada de ouro e prata, e vestida de linho e de roupas bordadas, e de diversas cores: nutriste-te da farinha e de mel e de azeite, e foste mui aformoseada em extremo.”*

(DANIEL, XV)

xviii Rebeca, filha da Mesopotâmia.

xix Bento do Amaral Gurgel, que dirigiu a companhia de estudantes por ocasião daquela e da seguinte invasão, em 1711.

xx Ângela pratica o inverso daquele conselho atribuído aos rabinos de Constantinopla, respondendo aos judeus de Espanha, isto é, que batizassem os corpos, conservando as almas firmes na Lei. Ângela conserva o batismo da alma, e entrega o corpo ao suplício como se fosse verdadeiramente judeu. Nega a fé com os lábios, confessando-a no coração: maneira de conciliar o sentimento cristão e a piedade filial. Era mais ortodoxo, de certo, confessar publicamente a fé, sem nenhum respeito humano; cumpre observar, porém, que isto é uma composição poética, não um compêndio de doutrinas morais.

xxi Compus estes versos por ocasião de ser inaugurada a estátua do patriarca da Independência, em 7 de setembro de 1873.

---

Pedi-mos o Sr Comendador J. Norberto de S. S., ilustrado vice-presidente do Instituto Histórico e membro da comissão que promovera aquele monumento. Não podia haver mais agradável tarefa do que esta de prestar homenagem ao honrado cidadão, cujo nome a história conserva ligado ao do Fundador do Império.

<sup>xxii</sup> A verdadeira pronúncia desta palavra é *an-hangá*. É outro caso (veja a nota 3) em que fui antes com a maneira corrente e comum na poesia.

<sup>xxiii</sup> Não é original esta composição; o original é propriamente indígena. Pertence à tribo dos Mulcogulges, e foi traduzida da língua deles por Chateaubriand (*Voy. dans l’Amer*). Tinham aqueles selvagens fama de poetas e músicos, como os nossos Tamoios. “Na terceira noite da festa do milho, lê-se no livro de Chateaubriand, reúnem-se no lugar do conselho; e disputam o prêmio do canto. O prêmio é conferido pelo chefe e por maioria de votos: é um ramo de carvalho verde. Concorrem as mulheres também, e algumas têm saído vencedoras; uma de suas odes ficou célebre.”

A ode célebre é a composição que trasladei, para a nossa língua. O título na tradução em prosa de Chateaubriand é — *Chanson de la chair blanche*.

Sobre o talento das mulheres para a poesia, também o tivemos em tribos nossas. Veja FERNÃO CARDIM, *Narrativa de uma viagem e missão*.

<sup>xxiv</sup> Il y aurait une fort grande injustice à juger les jesuites du seizième siècle et leurs travaux, d’après les idées que peut inspirer le système suivi dans les missions. Là on peut voir des projets ambitieux s’allier à des vues habiles: dans les premiers travaux executés par les pères de la compagnie, au Brésil, tout fut desinteressé; et au besoin, le récit de leurs souffrances pourrat le prouver. ( F. DÈNIS, *Le Brésil*.)

<sup>xxv</sup> “...E na verdade tem ocasiões em que festejam muito a lua, como quando aparece nova; porque então saem de suas choupanas, dão saltos de prazer, saúdam-na e dão-lhe as boas-vindas. (JOÃO DANIEL *Thes. Descob. no Amaz.*, part 2<sup>a</sup>, cap X.)

<sup>xxvi</sup> Não me recordo de haver lido nos velhos escritos sobre os nossos aborígenes a crença que Montaigne lhes atribui acerca das almas boas e más. Este grande moralista tinha informações geralmente exatas a respeito dos índios; e a crença de que tratamos traz certamente um ar de verossimilhança. Não foi só isso o que me induziu a fazer tais versos; mas também o que achei poético e gracioso na abusão.

<sup>xxvii</sup> Tinha planeado uma composição de dimensões maiores, e não levei a cabo, por intervirem outros trabalhos, que de todo me divertiram a atenção. Foi o nosso eminente poeta e literato de Porto Alegre, hoje Barão de Santo Ângelo, quem, há cerca de 4 anos, me chamou a atenção para a relação de Monterroyo Mascarenhas, *Os Orizes Conquistados*, que vem na *Revista do Instituto Histórico*, t. VIII.

A aspereza dos costumes daquele povo, habitante do sertão da Bahia, cerca de duzentas léguas da capital, sua rara energia, as circunstâncias singulares da conquista e conversão da tribo, eram certamente um quadro excelente para uma composição poética. Ficou um fragmento, que ainda assim não quis excluir do livro.

**NOTA DO ORGANIZADOR: No original do poema citado o título apresenta a grafia *Orises***

<sup>xxviii</sup> “Lastimosamente cegos de discurso, reconhecem e adoram por deus a coruja, chamada na sua linguagem *Oitipô-cupuaaba*; e o motivo de sua adoração consiste no benefício que recebeu desta ave, que, naturalmente, inimiga das cobras, numerosíssimas naquele país, as espia nos matos, e lhes tira a vida.” (J.F. MONTERROYO MASCARENHAS, *Os Orizes Conquistados*.)